

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

GABRIEL DUTRA LANGE

Espada da Maldição:
Representações do Samurai para além do Bushido

Uberlândia
2019

GABRIEL DUTRA LANGE

**Espada da Maldição:
Representações do Samurai para além do Bushido**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de História – Licenciatura e Bacharelado na Universidade Federal de Uberlândia.

Professor orientador: Prof. Dr. Guilherme Amaral Luz

Uberlândia, 25 de junho de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Guilherme Amaral Luz (orientador)

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Spini.

Prof. Dr. Fabricio

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que foi parte importante em minha caminhada, me sustentando e animando meu espírito. Agradeço aos meus pais, Elaine e Herberto, que me apoiaram desde sempre em minhas escolhas e que nunca olharam com desdenho para o curso que decidi ingressar. Fizeram sacrifícios e trabalharam muito para poder me manter durante esses quatro anos e meio de curso. Agradeço a minha irmã, Clara, que assim como meus pais, esteve presente nos momentos mais difíceis de minha vida. Sempre me motivando e me incentivando a buscar o melhor em meus estudos.

Agradeço a meus amigos, Lucas, Maynara, Luan, João Vinícius, Izadora e Nathalia, que estavam comigo presentes em Uberlândia, e que foram de extrema importância para que eu sentisse que tinha uma casa em uma terra longe da minha. Sei que eles tiveram um papel importante para minha conclusão de curso.

Agradeço também ao professor Guilherme, que foi um excelente orientador. Sempre paciente e cuidadoso em seus ensinamentos. Agradeço muito pelo apoio, pelos votos de confiança e por sempre me fornecer críticas que fizessem melhorar o trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade colocar em cena as diferentes representações do samurai. Para isso, após um breve panorama sobre a história da classe samurai na história japonesa, foi feita uma análise do filme “Espada da Maldição” de Kihachi Okamoto, de 1966. A análise desse filme serve para podermos ver como o samurai é representado pelo diretor e contrapor essa representação com aquela presente no livro *Bushido*, de Inazo Nitobe, que enfatiza os aspectos nobres e altos do caráter samurai. Os ideais e valores apresentados por ambos na construção da figura do samurai são objetos de nossa reflexão. Busca-se discutir o legado que representações romantizadas do samurai deixaram, as quais formaram o pensamento ultranacionalista japonês, observado no final do século XIX, durante a formação do governo Meiji, até a derrota do país na segunda guerra mundial. Procuramos fazer uma contextualização histórica a respeito do samurai e de sua memória, evidenciando o quanto as suas imagens carregam de expectativas dos japoneses em relação à sua história..

Palavras-chave: Cinema, Samurai, História do Japão, Era Meiji.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I - O Samurai ao longo da história do Japão	9
CAPÍTULO II: <i>Espada da Maldição</i> e o Japão no pós-Guerra.	29
CONCLUSÃO	55
Fontes	57
BIBLIOGRAFIA	58

INTRODUÇÃO

Enxerguei, desde o início do curso de história, que não seria possível para mim, me aventurar no fazer científico sem envolver meus interesses pessoais nele. E pude perceber, ao longo de minha jornada, que isso seria possível, tal como trazer à discussão elementos como a história do Japão e seus personagens históricos tão famosos. Quanto a trabalhar com filmes que evidenciam ainda mais tais personagens, foi muito atrativo para mim. Porém, me deparei com um enorme obstáculo que tive que superar para a realização deste trabalho. A falta de pesquisa em língua portuguesa a respeito de países asiáticos e também a quase nula aprendizagem dentro do curso a respeito de quaisquer países que se localizam no continente asiático.

Vejo que isso é um problema dentro do meio acadêmico, visto que o nosso país foi destino de muitos imigrantes asiáticos, não somente os japoneses. É clara a sua contribuição cultural no país e fica evidente que há pouca pesquisa a respeito dessas culturas, pelo que pude verificar. Em minha opinião, isso acontece por justamente haver uma barreira linguística bem grande, mesmo que muito material em inglês exista e com relativa facilidade de acesso. Esse empecilho faz com que muitos decidam por pesquisar temas que ofereçam a comodidade de uso de traduções em português.

No trabalho, desejo me enveredar nos caminhos do guerreiro e nele me encontrar com a figura tão famosa e muito mitificada do Samurai. Durante todo o trabalho, esforço-me para poder mostrar o Samurai de diferentes maneiras e formas. Desde o início da classe, quando os samurais atuavam apenas como guerreiros rudes, e com mera finalidade de controle e manutenção de poder, até quando um Samurai conquista o maior cargo de poder dentro do país; da criação e romantização de seu famoso código de ética, com Inazo Nitobe, que foi usado para as bases de ideologias ultranacionalistas no período Showa, até no período pós segunda guerra mundial, quando os Samurais, suas representações mais precisamente, ganham destaque nas grandes telas, tanto dentro do Japão, quanto na Ásia e no resto do mundo.

O caminho que o trabalho percorre tem o objetivo de podermos entender como a imagem do samurai se modifica ao longo tempo e como esse personagem histórico aparece. Usando da literatura histórica disponível, o primeiro capítulo tem como função preparar o leitor para um novo contexto histórico e político em que os samurais estão inseridos em sua sociedade. Portanto, nesse primeiro momento, mostra-se importante entender o contexto da sociedade japonesa, que ainda não se configurava em um reino único e bem estabelecido, com funções administrativas e sociais firmadas. Lentamente, enquanto o reino de Yamato (século VII) vai

ganhando força e se consolidando, reino esse que posteriormente vem a ser o Japão, a necessidade de se formar milícias e militares que serviam os senhores de terras cria espaço para o desenvolvimento de uma função muito importante. O *bushi*, o guerreiro, que também pode ser chamado de samurai, forma essa classe militar. Vai crescer em grande número conforme o tempo passa, e a sua necessidade também não diminui.

Por muito tempo, o território japonês foi se fragmentando em diversos clãs, que disputavam entre si a obtenção de mais e mais terras, fazendo com seu poder e influência aumentassem. É justamente nesse contexto de grandes guerras e de intensas disputas, é que surge a necessidade de guerreiros leiais a esses senhores, que os servissem em batalhas, que guardassem as suas fronteiras e que fizessem a manutenção da ordem nas vilas que pertenciam ao domínio do senhor. Com o tempo, esses guerreiros percebem que suas funções eram importantes e necessárias. Por conta disso, os samurais passaram a ganhar posições mais elevadas dentro das províncias em que atuavam, enquanto os nobres viviam uma vida tranquila na capital, longe de suas terras. Dessa forma, a verdadeira autoridade dentro das terras foi sendo atribuída aos funcionários encarregados da administração das mesmas.

Esses funcionários, dentre os quais muitos eram samurais, passam a ter o real poder dentro das províncias. Dessa forma, esses homens tomam o poder para si e passam a disputar, com outros, o domínio da maior quantidade de territórios possível para assim se tornarem o soberano entre todos. Os nobres pouco podiam fazer, pois se tornaram detentores de apenas um poder simbólico; um título vale muito menos do que a lealdade de pessoas e terras para se cultivar. Mas é apenas no século XII, que Minamoto no Yoritomo ascende ao poder como o homem mais poderoso da nação. Um samurai, um líder militar agora governava todos através do título de *Xogum*. E é justamente nesse capítulo que mostro essa ascensão da classe samurai bem como a sua queda no século XIX. É incrível como que essa classe está arraigada na sociedade japonesa de modo que podemos observar o *bushi* perdurando por quase mil anos.

O segundo capítulo propõe, além de uma análise filmica comparando duas representações de samurais, como também as contribuições da classe guerreira, que foram fundamentais como influência direta em correntes de pensamento, que levaram o Japão a tomar uma posição expansionista nenhum pouco pacífica, no continente asiático no início do século XX. E como o samurai ainda continua a influenciar a cultura japonesa, por meio desses ideais criados nesse período que antecede a segunda guerra mundial, sendo levado para as telas de cinema a partir dos anos de 1950. Então, ainda no segundo capítulo, traçarei de forma mais abrangente como o cinema se insere no Japão desde antes da segunda guerra mundial até depois

da derrota japonesa na mesma. Irei expor como o cinema se modificou e como trouxe, mais especificamente na década de 1960, como no filme *Espada da Maldição*, a discussão a respeito dos valores do Japão pré segunda guerra, que são transparecidos através da representação do samurai.

Para isso, faço uma análise do filme contrapondo com o livro de Inazo Nitobe, *Bushido: Alma de Samurai*. Com esse movimento, podemos observar algumas incongruências entre o que, para o autor de *Bushido*, seria o samurai e até mesmo o próprio Japão. E para que possamos entender essa relação divergente, é necessário olhar para o contexto histórico na qual a obra de Nitobe se insere, bem como tudo o que ela gerou. É igualmente necessário atentar para a situação do Japão na década de 1960, pois é o contexto em que o filme é produzido e exibido nos cinemas do Japão e fora dele. Entender o tempo histórico que o filme representa em seu enredo é fundamental. É um movimento complexo que tento fazer o melhor possível. Por isso a etapa anterior de uma contextualização histórica do samurai de forma mais geral faz-se útil para posterior análise tanto do filme como do livro.

CAPÍTULO I - O Samurai ao longo da história do Japão

Como o próprio título sugere, neste capítulo desejo fazer uma discussão sobre a formação da classe Samurai no Japão. Além disso evidenciar a importância que tal classe teve ao longo da história do país. Tentarei trazer uma compreensão acerca do desenvolvimento dessa classe e suas transformações, mas é claro que não será um estudo completo acerca dos Samurais, visto que o surgimento dos guerreiros nipônicos e todas suas transformações se dão em um período muito extenso de tempo. Sendo assim, privilegiarei certos aspectos para que possamos possuir um conhecimento mais amplo e básico a respeito de tal classe.

Para tal compreensão, vejo que é de extrema necessidade darmos alguns passos para trás e observar o contexto japonês, bem como a formação da sociedade e do próprio Japão. A criação de um estado unificado e forte nas ilhas que formam o Japão começa com o reino de Yamato, no século VI, e que por estar mais próximo a China, foi justamente dos chineses, que aqueles pertencentes ao reino de Yamato aprenderam o conceito de um reino unificado e poderes centralizados.¹

A história do Japão começa com a construção do império Yamato e o surgimento da ideia da ancestralidade mítica comum criada para dar legitimidade ao trono imperial e a uma aristocracia fundiária que ora começam a dirigir o país.²

O contato com outros países da Ásia apenas aumenta, com destaque para a China, a qual já era um grande reino. Dela, é trazido um elemento muito importante para a formação do pensamento japonês, que é o Budismo. O Budismo que vem para o Japão é o de origem chinesa, o qual é diferente daquele que se vê na Índia, local de origem da religião. Este período de consolidação de um império único no Japão, é denominado período Asuka, que vai dos anos de 552 a 710³. A organização política do reino de Yamato, tinha como seu representante maior o Imperador, caracterizado como um grande líder, que reunia em sua volta uma aristocracia formada pelos líderes dos mais importantes clãs, os quais disputavam entre si para exercerem mais poder que os outros⁴. Essas disputas se tornaram bem evidentes quando o Budismo se torna o centro do debate, no que diz a respeito da oficialização de sua prática. Muitos clãs se manifestaram contra a religião e outros a favor. Essa questão foi uma clara disputa entre os clãs

¹ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.67

² SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.67

³ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.67

⁴ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.68

para descobrir qual tinha mais prestígio em relação a outro. Tendo pouca relação com de fato uma crença religiosa⁵.

Para que fossem evitadas mais disputas e futuras brigas, o budismo foi deixado a cargo da família Soga e de simpatizantes da religião, para que fosse experimentado e os demais clãs continuariam com suas práticas de costume. Porém, quando uma peste assolou o território japonês, os antibudistas interpretaram aquilo como um sinal de seus deuses ancestrais, que reprovaram esse novo culto dentro de suas terras. E assim desencadeou-se uma batalha que foi ganha pelos simpatizantes do Budismo, tornando-o a religião oficial do estado, mas que, por muito tempo, foi restrita a aristocracia e ao palácio real. Com o tempo, o Budismo vai ganhar muitos adeptos e transformar-se até possuir características próprias de um Budismo japonês.

Muito da cultura chinesa foi incorporado pelos japoneses, havia uma clara admiração pela cultura da China. Muitos elementos foram aproveitados e resinificados pelos japoneses, tais como a escrita, pintura na seda, fabricação de papeis, astronomia, arquitetura, planejamento urbano, sistema de defesa⁶. Muitos outros elementos foram apropriados pelo império de Yamato. Os elementos culturais e costumes também passam a serem incorporados, porém com o passar do tempo tais elementos começam a passar por uma seleção mais rigorosa e o Japão passa a desenvolver práticas mais particulares⁷.

O estilo centralizado de governo, copiado do modelo chinês, foi considerado ideal. Porém, na prática, isso não acontecia como na China. O imperador contava com assessores dos principais clãs, que eram os que de verdade governavam. Tais famílias vão adquirir mais poder e prestígio, também através de alianças com outros clãs e vão estender suas áreas de influência e poder. No princípio, a família Soga é que vai desempenhar esse papel pelo imperador⁸.

Um marco importante para a política imperial do Japão foi a chamada *Constituição dos 17 Artigos do Príncipe Regente Shotoku*, que é datada do ano de 604. Este documento foi muito importante para estabelecer as bases para um estado autoritário, mas não absoluto⁹. Este documento não foi uma constituição propriamente dita, pois possuía um caráter moral muito acentuado, de fato um guia de conduta para os governantes. Nesse documento, ele expõe uma cosmovisão que colabora para o engrandecimento da figura do imperador. Pois o universo,

⁵ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.69

⁶ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.70

⁷ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.70

⁸ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.70

⁹ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.70

nessa visão, é composto por três elementos, o Céu, o Homem e a Terra. O papel do imperador nessa lógica, seria o elo entre essas três esferas¹⁰.

Seu poder é essencialmente hereditário e abarca as esferas temporal e espiritual (desde o reino de Yamato até o final da Segunda Guerra Mundial, a posição do imperador diante da sociedade japonesa não sofre mudanças quanto à questão de sua divindade). “Num país não há dois senhores, o povo não tem dois mestres. O soberano é o mestre do povo de todo o país”, diz o artigo 12 do documento, justificando a centralização do poder¹¹

Outro grande marco na história, foi a Reforma Taika, que tinha como sua principal reforma aumentar o poder imperial, e para isso foi estabelecido que todas as terras do solo japonês pertenciam oficialmente ao imperador. Então, os nobres e os grandes proprietários de terra passam a ser agentes de confiança do imperador, incumbidos de zelar pelas terras imperiais. Sendo assim, os cargos de governadores e outras funções burocráticas são atribuídos a esses homens¹².

Entre os anos de 710 e 794 é denominado como o período Nara. No período anterior, havia tido algumas tentativas de se estabelecer uma capital para o reino de Yamato. Com o fim de se estabelecer um centro de poder, onde se podia ter certo controle central sobre outras instancias¹³. Então no ano de 710 mudam-se a capital, passando para a cidade de Heijo, mais conhecida como Nara. As influências chinesas aparecem novamente, a capital foi projetada segundo a capital chinesa Ch’ang-an, possuindo o mesmo formato, ainda que em proporções menores. Não apenas na cidade se via a influência da arquitetura chinesa. Um grande exemplo é o templo de Todaiji, que é a maior construção de madeira no mundo.

Mesmo admirando muito a China e seu império, não houve uma cópia de tudo que era chinês. Alguns elementos que diziam a respeito da organização de um estado, que eram trazidos para o Japão, sofreram modificações para que fossem condizentes com a realidade da sociedade japonesa que se formava. Um exemplo disso é o sistema de classificação militar. O modelo chinês foi instaurado no reino de Yamato. Esse modelo consistia em um sistema que privilegiava o mérito por ações, e a posição social de sua família. Esse modelo logo foi modificado pelos japoneses, que o tornaram em um sistema muito mais hereditário do que um sistema baseado no mérito¹⁴.

¹⁰ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.71

¹¹ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.71

¹² SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.73

¹³ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 24

¹⁴ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 25

Outra modificação de uma prática chinesa foi em relação ao “mandamento dos céus”. Esse mandamento, na China, garantia ao imperador o direito de governar, dado pelo Céu, enquanto agia de forma digna e virtuosa. Se o imperador passasse a agir de forma diferente, ele podia perder sua posição de autoridade. Porém como vimos acima, na *Constituição dos 17 Artigos do Príncipe Regente Shotoku*, o direito divino dos soberanos japoneses, vinha por conta de sua linhagem divina¹⁵, o que mostra que a sociedade japonesa que se forma era calcada nas bases de suas linhagens, dando muita importância para o direito que as famílias possuíam. Como podemos ver na maneira em que as posições militares são escolhidas e como as autoridades são consolidadas, em seu direito divino, governantes são escolhidos baseados na linhagem e não em suas ações.

A vida do cidadão comum neste período não era muito fácil. Sofrendo por conta de diversos desastres, como o surto de varíola, que ocorreu nos anos de 735 a 737. Essa epidemia exterminou um terço da população total, atingindo mais seriamente os camponeses. Existiam poucas terras que eram exploradas, e poucas delas possuíam produtividade em escalas necessárias para suprir as necessidades da população comum. Por conta disso, no ano de 743 foi permitido aos camponeses explorem novas terras para agricultura. Tais terras, se desmatadas e preparadas para o plantio, se tornariam propriedade familiar permanentemente¹⁶.

Mesmo com esse benefício, os camponeses não permaneceram em suas terras recém adquiridas, pois as taxas que eram cobradas sobre as terras particulares eram muito altas. Então se tornava mais vantajoso para essa população, que compreendia 95% do Japão, cultivar terras em propriedades concedidas aos nobres ou a templos. Pois tais propriedades não possuíam taxas como as das terras particulares. Porém a vida nessas terras livres de impostos podia não ser melhor do que as propriedades particulares, e em muitos casos os donos dessas terras exigiam mais dos camponeses do que o próprio governo¹⁷.

Alguns problemas começaram a surgir, problemas esses que levaram a uma certa decadência do governo central. A receita sobre os impostos começou a diminuir cada vez mais. O aumento da independência dos grandes donos de terra, começou a corroer a autoridade e poder que o governo central, em tese, possuía. Junto a isso, as várias disputas e brigas internas

¹⁵ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 25

¹⁶ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 26

¹⁷ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 26

das facções colaboraram para um decaimento do poder central, que o governo lutara para instaurar.

Em 794 se inicia o período Heian, que tem como marco a construção de uma nova sede para a capital do império, Heian, nos tempos atuais, Kyoto. Assim como Nara, a capital foi construída nos padrões arquitetônicos chineses¹⁸. O poder dos senhores de terras locais passou a aumentar muito. O número de terras por eles adquiridas, aumentou enormemente. Terras que eram doadas pelo governo e que não necessitavam de pagar impostos. Tais terras eram doadas por ordem de funcionários de alto escalão. E tais funcionários precisavam de indicações dos senhores de terras para obter tais cargos¹⁹.

Os altos cargos, aqueles honoríficos, ao longo do tempo, se tornaram cargos hereditários. Assim, aqueles que desempenhavam funções administrativas de fato passam ser os funcionários de nível inferior, que receberam indicações daqueles de alta patente. Dessa forma, os senhores de terra mantinham tais funcionários, que realmente possuíam poder administrativo, em seu domínio. Essa corrente de interesses ajuda na manutenção de seus poderes e aumenta o interesse no controle cada vez maior desses funcionários, para assim cada vez mais aumentar seus domínios²⁰. Com seus domínios cada vez maiores, viu-se a necessidade de mecanismos de defesas de tais terras.

Para manter seus domínios, defender-se dos rivais e ocupar terra públicas, não só de áreas cultiváveis conforme previsto legalmente, mas também de florestas e montanhas, os grandes senhores cercaram-se de milícias particulares. Os governadores provinciais, por sua vez, passaram a se armar para defender os interesses do Estado, embora esses governadores dependessem dos senhores mais poderosos para manter seus cargos²¹.

Nota-se então que a necessidade de se armar era eminente. A formação, posteriormente, de uma classe guerreira especializada e com poderes políticos e reais, já pode ser enxergada nesse estágio de milícia. Porém, a importância dos exércitos e de guerreiros de elite passam a ser cada vez mais importantes. Como dito no trecho acima, poder militar se torna ferramenta necessária para uma ascensão política e, principalmente, para manter tal status.

Nesse contexto, como podemos observar, os poderes locais se tornam cada vez mais importantes, desse modo, descentralizando a política e as ações administrativas. Enquanto a nobreza vivia tranquila na capital longe de suas terras, os funcionários locais passaram a tomar

¹⁸ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 28

¹⁹ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.76

²⁰ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.77

²¹ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.77

conta dessas terras. Administrando-as e efetivamente exercendo autoridade sobre os locais. Isso também fez com que as redes de corrupção aumentassem e passassem a trabalhar em favor dos governos locais. Com isso, a corrupção desses administradores gerava cada vez mais rixas locais, fazendo necessário o uso de milícias para o ataque, defesa e controle das terras²².

É em um contexto assim que os samurais, ou *bushi*, começam a ter um destaque maior. A necessidade do ofício passou a ser crucial, e sendo tão crucial assim os números de milícias começam a aumentar cada vez mais. Muitas vezes agiam em discordância com as leis existentes, mas o seu uso não foi refreado por conta disso. “Governadores, burocratas das províncias, administradores das propriedades privadas e até os líderes dos mosteiros budistas procuraram ter suas próprias milícias. Assim, os samurais crescem em número e em importância”²³.

Fica clara a importância da classe guerreira, porém a mesma não se manteve apenas como servos leais a seus mestres. Apesar de, no início, a classe se caracterizar por serem guerreiros mais rudes e pouco nobres, com o tempo, eles se desenvolveram no que diz respeito à posição social e ao exercício de poder e autoridade. A maioria dos *bushi* era vinda da classe dos camponeses, mas também havia muitos nobres que passaram a compor tal classe. Eles eram mal treinados e mal armados no começo, mas, com o tempo, desenvolveram as suas atividades e habilidades marciais. Como dito anteriormente, a importância dessas milícias cresceu muito, ao mesmo tempo, o poder e a influência das mesmas aumentou. Ao formar alianças, os samurais passaram a ter ação direta nas questões políticas²⁴.

Duas famílias começam a se destacar nesse contexto de disputas por poder local: os Taira, que eram descendentes do filho mais novo do Imperador Kammu, e os Minamoto, que se tornaram uma família independente em 961. Tais famílias foram crescendo aos poucos e assumindo cargos que possibilitavam aquisição de poder real. Com isso, elas se tornaram as principais famílias de seu tempo. Elas se constituíam por senhores de terras com samurais a seu serviço. Também havia samurais que eram senhores de terra e formavam seus próprios clãs e, eventualmente, tornavam-se uma família independente²⁵.

Como já vinha sendo discutido nos parágrafos anteriores, há uma mudança de poder na sociedade japonesa. As antigas instituições criadas aos moldes chineses passaram a perder poder por conta do distanciamento dos nobres com suas terras. Os administradores locais

²² SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. p.79

²³ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. p.79

²⁴ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.79 e HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 31

²⁵ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.80

passam a acumular força política real, enquanto os nobres viviam em um mundo paralelo, que era a corte. Os camponeses passam a deixar de se submeterem aos nobres e voltam sua lealdade aqueles que de fato estavam próximos deles, e que tinham poder para dar segurança a eles²⁶.

O fim do período Heian é caracterizado pela guerra entre os clãs Taira e Minamoto. Inicialmente, o clã Taira vence temporariamente, provando sua hegemonia no que confere a poder político. Os Taira conseguem, em 1167, colocar um membro de sua família no cargo de ministro-presidente, posto até então exclusivo dos membros da família real. Inclusive, esse foi o primeiro samurai a ocupar um cargo exclusivo como este. Mas os Minamoto não foram derrotados completamente. Em 1185 foi a batalha final entre esses dois clãs e, no confronto naval de Danno-ura, a família Minamoto saiu vitoriosa.

O período Heian deixa em seu legado, além dessas disputas por poderes locais e a queda de um modelo administrativo aos moldes chineses, muitas calamidades, que aconteceram durante esses anos finais do período. Houve muita fome e peste, além de desastres naturais e danos causados pela guerra. É relatado um grande tufão no ano de 1180, e um sério terremoto em 1184. Além de diversos casos de incêndios e inundações durante esse período²⁷.

Então no ano de 1185 Minamoto no Yoritomo, chefe do clã Minamoto, se estabelece de maneira informal, mas de forma real, como o homem mais poderoso. Porém, ele não teve a intenção de derrubar o imperador e assentar no trono. Ao contrário disso, ele buscou que os aristocratas lhe concedessem autoridade formal. Através do título de *seii tai-Xogum*, que significa o grande general subjugador dos bárbaros, mas que era abreviado como *Xogum*. Tal título foi concedido a Yoritomo no ano de 1192²⁸.

As relações entre o poder formal e o poder real na sociedade japonesa, possuem certo grau de complexidade:

Typically, a high authority does not wield a similarly high degree of actual power, but instead confers legitimacy – often in the form of some title, and often under pressure – on those who do hold actual power and claim to use it in the name of that higher authority²⁹

Aqui, podemos ver claramente a importância dos samurais na história do Japão. Yoritomo, tornando-se o governante das terras nipônicas, inaugura o *Xogunato* ou *bakufu*. Esse

²⁶ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.80

²⁷ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 33

²⁸ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 34

²⁹ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 35

novo governo usa o termo *bakufu*, que denotava o quartel general do comandante em campo de batalhas, mostrando, assim, claramente as inspirações militares para a organização administrativa do poder. *Bakufu* é caracterizado por ser um governo misto. Muito da administração anterior foi mantida, mantiveram as antigas instituições de poder, mesmo que enfraquecidas. A aristocracia continuou a existir e a viver em Heian, que ainda permanecia como a capital. Títulos que haviam sido dados e criados no período anterior, foram mantidos. Porém, seus significados e responsabilidades foram modificados. Oficialmente todos esses elementos do antigo governo foram mantidos, mas o poder real permanecia nas mãos do *Xogum*. Yoritomo se estabeleceu em Kamakura, onde era uma antiga base de suporte sua. Sua decisão de se afastar de Kyoto e por conseguinte da aristocracia, foi para não ter contato com as intrigas e se manter longe de influências negativas³⁰.

O Xogum governa apoiado por um exército de guerreiros samurais. Inicialmente esse governo encabeçado pelo Xogum pretende dominar todo o Japão, unificando a nação pela força intimidadora das armas, das alianças com outros chefes samurais e da repressão aos rebeldes e rivais, contando também com o estabelecimento de uma hierarquia bélica e administrativa sólida e organizada, controlada a partir da cidade de Kamakura³¹

O trecho acima do livro “Os Japoneses”, exprime muito bem o objetivo maior do *Xogunato*: estabelecer esse governo militar centralizado na cidade Kamakura, delegando autoridade para um único grupo seleto de vassalos. Tais vassalos vão ser designados para um feudo específico e ali exercer funções administrativas e reportar diretamente a seu superior, o qual estaria ligado diretamente ao *Bakufu*, que por sua vez foi concentrado na cidade de Kamakura³². E assim foi denominado o período Kamakura, que dura de 1185 a 1333.

Vejo que fica claro o motivo de pensarmos este período, pois nos mostra como os samurais passaram de apenas guerreiros, que faziam a manutenção das fronteiras de territórios, a detentores de autoridade elevada. É claro que muitos samurais antes desse período já possuíam certo status e autoridade, porém, nesse momento, é muito maior a influência da classe guerreira na formação do país que há de surgir. É durante esse período, que a classe se consolida com mais força e ganha cada vez mais prestígio. Como o país ainda não era unificado, os samurais estavam em constantes batalhas, e através dessas experiências, aqueles que sobreviveram, deram mais forma aos guerreiros japoneses.

³⁰ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 35

³¹ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.82

³² HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 35

Yoritomo via que seria muito importante manter perto de si as rédeas do poder. Ter a certeza de lealdade de seus subordinados foi um fator muito importante para a estruturação do sistema. Os seus mais leais vassalos, como dito anteriormente, foram designados para regiões específicas onde atuariam. Tais vassalos eram os mais confiáveis guerreiros de Yoritomo. O *Xogum*, a fim de aumentar a necessidade de ser leal a esses homens, e por consequência ao próprio Yoritomo. É dado, a esses guerreiros, o poder de nomeação de um samurai, como todo o status que o título carrega. Então somente guerreiros que fossem aprovados por tais homens seriam samurais e, dessa forma, eram obrigados a serem leais e competentes no serviço desses homens³³.

Dentro da classe dos samurais são criadas subdivisões, conforme as quais aqueles que eram os aliados iniciais de Yoritomo compõem os samurais de patente mais elevada, seguido de seus leais servos e assim por diante. Dessa forma é criada uma espécie de militarismo restrito. Quando digo restrito, me refiro a uma certa dificuldade em ascender dentro dessa carreira, mesmo sendo previsto que homens, ao mostrarem sua bravura em campo de batalhas, poderiam vir a ser samurais. Entretanto, é notável o caráter quase aristocrático que implicava na promoção ao nível de samurai, sendo muito ligado a quais conexões e a quem você deve lealdade, do que simplesmente seu desempenho em campo de batalha³⁴.

Com a morte de Yoritomo em 1199, veio instabilidade política para o sistema criado. Sem herdeiros fortes e maduros suficientes, o cargo de *Xogum* foi tomado pelos dois filhos de Yoritomo, mas tanto Yoriie como Sanetomo foram usados e controlados e, por fim, mortos por conta de várias intrigas. A mãe deles se mostra como peça chave dessas intrigas que levaram a morte de seus filhos. Hojo Masako fica conhecida como “*ama xogum*” pois a mesma, após a morte de Yoritomo, faz votos de uma monja budista. Ela institui o cargo de regente xogunal, o qual torna o cargo do *Xogum* apenas honorífico, transferindo todo poder real ao regente. Regente, que necessariamente é um membro da família Hojo. Estabelece, assim, o *Xogunato* regencial Hojo.

O *Xogunato* dura de 1219 a 1333. Nesse século, o Japão teve uma relativa paz, com poucos conflitos em seu território. Mas um episódio muito importante aconteceu, que ajudou a aumentar a crença em uma ancestralidade divina por parte dos japoneses. Um dos pivôs desse evento foram os mongóis. O império mongol, no ano em que Kublai Khan assume o posto de imperador, já era imenso. Mesmo com o objetivo de conquistar a parte sul do território chinês,

³³ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.84

³⁴ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.84

o imperador mongol demonstra interesse no Japão. Em 1268, os mongóis enviam uma carta ao “rei do Japão”, ameaçando invadir seus domínios, caso não reconhecessem a soberania do império mongol. O Japão devia se submeter ao império mongol e pagar um tributo anual. Porém, tanto a corte como os membros do *Xogunato* ignoraram as ameaças³⁵.

Mesmo tendo ignorado as ameaças, foi emitido um alerta para as forças militares para a região noroeste de Kyushu, local onde se presumia que fosse ocorrer o ataque. O primeiro ataque aconteceu em novembro de 1274. E como esperado, o ataque ocorreu no lugar previsto. 40,000 homens vindo da Coréia atracaram em Hakata, e logo forçaram as forças japonesas a recuarem. A força dos invasores era maior, suas táticas e armamentos superiores aos dos nativos. Porém os invasores não se estabeleceram em terra, fazendo suas tropas voltarem para os navios. E, já em seus navios, eles foram surpreendidos por uma terrível tempestade, a qual afundou diversas embarcações. Os danos foram muito grandes, o que fez com que os mongóis batessem em retirada de volta para a Coréia³⁶.

Novamente, em 1281, os mongóis tentam outra invasão. Eles atracam no mesmo lugar da primeira vez, só que agora os seus números eram ainda maiores. Contando com 140,000 homens. Kublai estava decidido a conquistar o Japão. Dessa vez ele tinha resolvido seus problemas com a China, a qual ele tomou para si depois derrotar a Dinastia Song, fundando uma nova dinastia: a Yuan. Além disso, dois emissários de Kublai haviam sido decapitados em solo japonês³⁷.

Dessa vez os mongóis encontraram uma resistência por parte dos japoneses, que lutaram bravamente, impedindo que os invasores obtivessem terreno propício para estabelecer suas tropas em solo. Dessa forma, os mongóis outra vez tiveram que se retirar para seus navios, dessa vez, de forma forçada. Foi então que, novamente, uma grande tempestade caiu em cima dos navios mongóis. Um grande tufão se formou e destruiu a maior parte da frota invasora. Com quase metade de seus homens mortos, os mongóis foram forçados a se retirar e voltar para a China.³⁸

³⁵ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 38

³⁶ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 38

³⁷ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 38

³⁸ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 38

As duas derrotas mongóis foram causadas por diferentes fatores. Um deles foi que os japoneses possuíam um grande espírito guerreiro e desejo de proteger sua terra, aliado ao fato dos chineses e coreanos que compunham o exército mongol, os quais tinham sido subjugados e não possuíam um comprometimento tão grande com a batalha que beneficiaria os mongóis, seus subjugadores. Podendo dessa forma ter sido um elemento importante para a motivação em batalha. Mas, certamente, as duas tempestades que caíram sobre os exércitos invasores foram importantes para o resultado.

As tempestades ficaram conhecidas como *Shinpu* ou *Kamikaze*, que significam “vento divino”. Isso só aumentou a ideia de que a terra do Japão é uma terra de deuses: uma terra onde até mesmo o vento luta a favor de sua proteção. Com o passar do tempo, essas concepções e histórias são absorvidas pelo imaginário popular, que, posteriormente, no século XIX e XX vão ser incorporadas à formação da identidade nacional. Podemos ver isso, claramente, durante a segunda guerra mundial, quando um esquadrão especial de aviadores foi designado com o nome de *Kamikaze*: seu objetivo era destruir o máximo possível de inimigos, usando um ataque suicida³⁹.

Avançando um pouco na história, quero situar o período Azuchi-Momoyama, que vai do ano de 1568 até o ano de 1600. Esse período é caracterizado por um processo de reunificação da nação japonesa. No período anterior, o Japão sofreu muito com diversas guerras civis, intrigas políticas e revoltas camponesas. O processo de reunificação que começa durante esse período é graças aos esforços de três homens, três líderes militares de alto nível: Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu.

É muito comum, ao se pesquisar sobre essas três figuras históricas, destacar as suas personalidades, comumente citando um velho ditado japonês, o qual vou apresentar: “se um pássaro não cantar, Nobunaga o mataria, Hideyoshi o persuadiria a cantar e Ieyasu apenas esperaria até o pássaro cantar”⁴⁰. Acho interessante que o ditado mostre tal diferença entre os homens. Muitas vezes corremos o risco de criar estereótipos de determinadas classes. Os três homens são donos de terras e os mesmos são samurais e líderes militares, porém como vamos ver, esses homens possuem características bem diferentes uns dos outros, e outras nem tanto. O que quero dizer é que precisamos, ao ler sobre tais figuras históricas, ter consciência de suas próprias individualidades. A classe social é sim importante para entendermos o contexto

³⁹ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 38

⁴⁰ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 46

formador de um indivíduo. Porém, não podemos cometer o erro de criar uma série de características, muitas vezes fantasiosas, e torna-las invariáveis acerca de uma classe social, como é o exemplo dos samurais. Podemos nos decepcionar com a própria história, se não nos afastarmos da imagem que a mídia criou durante muito tempo.

Comecemos por Oda Nobunaga (1534-1582). Nobunaga era um *daimyo* da província de Owari, sua posição social era a de um senhor de terras de baixo escalão. Porém, ele era um homem muito astuto em termos táticos. Através de diversas batalhas com senhores de terras rivais, ele ascendeu socialmente passando a controlar os territórios dos inimigos derrotados. A sua vitória mais importante, nesse período, foi contra o *daimyo* Imagawa Yoshimoto, na batalha de Okehazama no ano de 1560. Em 1568 Nobunaga cercou Kyoto em apoio de Ashikaga Yoshiaki, um dos muitos *daimyo* que queriam para si o título de *xogum*. Com o cerco sendo bem-sucedido Yoshiaki é nomeado *Xogum*, entretanto, quem desempenhava um papel de real poder, até mesmo na esfera pública era Nobunaga. Cinco anos depois da posse do título de *Xogum* por Yoshiaki, Nobunaga o expulsa da capital, por conta de uma aliança que Yoshiaki fizera com a família Takeda, a qual era uma antiga inimiga da família Oda. Yoshiaki deteve o título de *Xogum* até o ano de 1588, mas ficou bem claro que seu *xogunato* havia acabado depois de sua expulsão da capital⁴¹.

Em termos militares, Nobunaga era um homem incrível. Porém, como vemos no ditado, ele era capaz de grande crueldade e brutalidade. Era capaz de atos como matar membros de sua própria família e ter o hábito de queimar inimigos vivos. Em uma dessas ocasiões ele mandou que queimassem 20,000 pessoas, entre elas camponeses que estivessem nas proximidades. Nobunaga possuía um ódio em particular com os monges budistas, muito por conta das rebeliões que foram incentivadas por monges budistas, no passado. Porém, tais monges não eram fortes suficientes, no tempo de Nobunaga, para se rebelarem. No máximo, eles eram ameaças que teriam potencial no futuro. A decisão de Nobunaga foi de destruí-los invés de obter reconciliação⁴².

Algo interessante de se observar durante o domínio de Nobunaga, foi que ele, em nenhum momento, buscou legitimar sua autoridade e nem empossou o título de *Xogum*. E isso se explica quando vemos a enorme arrogância de Nobunaga. É mais visível quando nos atentamos para o fato dele ter construído um templo para a sua adoração. Ele era um completo

⁴¹ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 46

⁴² HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 46

“egocêntrico”, transformando a data de seu aniversário em um feriado nacional. Tendo em vista os problemas de “ego” que Nobunaga possuía, pode-se concluir que sua atitude em não buscar legitimidade de sua autoridade, era para mostrar que não havia nenhuma instância que fosse superior a ele. Pois, para receber o título de *Xogum*, era necessário que fosse reconhecida a autoridade do imperador sobre a dele⁴³.

O maior objetivo de sua vida era poder unificar todo o Japão sob seu comando. Uma prova de que esse era seu maior objetivo, era o seu selo pessoal, “*Tenka Fubu*”, que significa: “um reino unificado sob o comando de um governante militar”. Nobunaga conseguiu atingir metade de seu objetivo em vida. Seu fim foi bem condizente com o homem que era, e um tanto irônico, se levarmos em conta sua natureza violenta e o hábito de queimar templos budistas. Em 1582, um de seus oficiais o trai. Akechi Mitsuhide o prende dentro de um templo e atea fogo na estrutura. E assim o sonho de unificar a nação passa para o seu fiel servo Toyotomi Hideyoshi.

Hideyoshi é um exemplo muito interessante. Ele foi de um mero soldado que lutava a pé, ao posto de maior autoridade da nação. Ele era um homem muito perspicaz e competente, por conta de suas habilidades, teve seu reconhecimento por parte de Nobunaga, pois Hideyoshi fez parte do exército do mesmo no ano de 1558. Além disso Nobunaga parece ter criado laços de amizade com Hideyoshi, até mesmo o apelidando de macaco, por conta da semelhança do rosto de Hideyoshi com o animal. Logo foi promovido, adquirindo status de samurai até se tornar o chefe dos generais de Nobunaga, por conta de suas excelentes habilidades em táticas de batalha⁴⁴.

Com a morte de Nobunaga, Hideyoshi persegue Akechi Mitsuhide, o lorde que traiu Nobunaga e o matou. Nobunaga deixou três filhos, um deles morreu junto com o pai durante o incêndio do templo. Porém, o herdeiro da família Oda passou para o neto, ainda criança, de Nobunaga, Hidenobu, filho de Nobutada, o qual morreu junto com o pai. Essa manobra encabeçada por Hideyoshi foi estrategicamente feita para que ele assumisse o controle real do poder que o título de chefe da família Oda conferia. Assim como seu antecessor, Hideyoshi não buscou pelo título de *Xogum*, mas aceitou vários títulos de alta patente, como o de regente⁴⁵.

⁴³ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 47

⁴⁴ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 47

⁴⁵ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 48

Hideyoshi usou de táticas similares a de Nobunaga para garantir que a extensão e força de seu poder continuasse. Através de alianças com importantes famílias e através da derrota de inimigos em potencial, ele assegurou que a sua legitimidade enquanto governante fosse reconhecida pelo poder que ele exercia. A sua campanha de batalhas mais importante foi em 1587 contra a família Shimazu que possuía muito poder na região sul de Kyushu, uma das principais ilhas que formam o arquipélago do Japão. Com tal vitória, ele redistribuiu as terras, que antes estavam sob domínio da família Shimazu, para seus aliados de confiança. Tática parecida Nobunaga usou para garantir o controle efetivo das províncias. Estendendo a sua área de influência, fez com que outros clãs que desejassem ir contra Hideyoshi ou que procurassem expandir seus territórios fossem refreados pela presença de Hideyoshi, sendo representada por seus vassalos⁴⁶.

Um dos atos de Hideyoshi impactou diretamente a classe samurai, conferindo a ela mais status do que já haviam adquirido desde a instituição do *Xogunato*. Desde Nobunaga, já havia planos para a diminuição de ameaças internas, planos que foram concluídos por Hideyoshi com a política de “caça às espadas” (*Katanagari*). Política a qual impediu os camponeses de possuírem quaisquer tipos de armas, pois havia a ameaça de revoltas camponesas e também que os camponeses fossem usados como milícia por senhores de terras que fossem rivais ao *Xogunato* de Hideyoshi. É interessante ver que Hideyoshi pensa nos camponeses como possíveis ameaças, pois ele mesmo já foi um simples camponês e agora era o homem mais poderoso. Portanto, não era bom subestimar qualquer ameaça que pudesse aparecer⁴⁷.

Por conta dessa lei de armas, os samurais passam a ganhar um poder sobre o cidadão comum muito maior do que já tinham. É claro que mesmo com camponeses possuindo armas, os samurais possuíam capacidades maiores do que eles. Porém, agora, qualquer possibilidade de defesa foi retirada dos cidadãos comuns, além de atribuir um privilégio a classe dos guerreiros. A espada passa a ser um símbolo maior ainda para aqueles que a portam. Posteriormente a essa lei, Hideyoshi cria regulamentações que impedem a mobilidade social, confinando os camponeses aos mesmos ofícios de geração em geração. Os samurais passaram a ter a obrigação de viver nos castelos junto de seus *daimyo*. Ou pelo menos nos arredores desse castelo, dependendo do status que tal samurai possuía⁴⁸.

⁴⁶ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 48

⁴⁷ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 48

⁴⁸ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 49

Outra importante ação de Hideyoshi, foi dar mais atenção à noção de responsabilidade coletiva e de certa forma aumentar o alcance que ela se estendia. Desse jeito, eram usados ameaças e castigos que abrangiam a vila toda, se eventualmente algum membro da comunidade fosse o autor de algum crime ou de alguma atitude que fosse considerada errada pelos senhores de terra⁴⁹. Essas medidas tomadas foram justamente para que houvesse um controle e estabilidade dentro do território, o que também criou, na população, um sentimento de lealdade baseado no medo de punição. Talvez isso se enraizou tanto dentro da sociedade japonesa, que quando no século XX Inazo Nitobe escreve *O Bushido*, o elemento da lealdade incondicional presente nos japoneses, como é dito no livro⁵⁰, não seja uma lealdade voluntária resultante de um sentimento de dever inato do povo em específico, mas sim resultante de pressões externas que forçam a lealdade nas ações dos japoneses. Mesmo sendo apenas uma hipótese, é evidente que não podemos assumir que medidas assim não impactaram no proceder da população mais comum.

Hideyoshi faz avanços significativos em unificar todos os territórios do arquipélago. Porém, sua morte, em setembro de 1598, impede que o soberano conclua a tarefa que foi deixada por Nobunaga. Três anos antes de sua morte, em 1595, Hideyoshi cria um conselho composto por cinco importantes sábios conselheiros, todos eles *daimyo* de grande status. Esse conselho tinha o objetivo de administrar os esforços para a conclusão dos objetivos de Hideyoshi. Um membro desse conselho era Tokugawa Ieyasu, o qual sucederia Hideyoshi. Tokugawa, no passado, tinha desafiado o poder de Hideyoshi, mas não foi bem-sucedido em sua empreitada e, no ano seguinte, ele se dobrou ao poder de Hideyoshi. Depois de declarada sua aliança, Tokugawa foi seu aliado em diferentes ocasiões dentro do campo de batalha. Porém, como era incerta a lealdade de Tokugawa, Hideyoshi o relocou para um território distante de onde ele residia. Entretanto, o território para o qual Tokugawa foi designado era enorme, e muito maior que o território do próprio Hideyoshi⁵¹.

Ieyasu consegue acumular um grande número de outros *daimyo* sob o seu comando. Esses *daimyo* estavam em terras que ele possuía e, dessa forma, a lealdade deles passou para Ieyasu. Chegou-se a um ponto em que ele havia acumulado 38 *daimyo* sob seu comando e os mesmos o consideravam como seu soberano. Com a morte de Hideyoshi, Ieyasu se envolveu em uma disputa contra os outros sábios do conselho, que deviam cuidar do filho de Hideyoshi

⁴⁹ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 49

⁵⁰ NITOBÉ, Inazo. Bushido: Alma de Samurai. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 61

⁵¹ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 50

e garantir que ele assumisse o lugar do pai. Então, em outubro de 1600, Ieyasu foi vitorioso na batalha de Sekigahara, na qual ele derrotou aqueles que davam suporte ao herdeiro de Hideyoshi, o jovem Hideyori.

Em 1603 o título de *Xogum* é utilizado novamente. Ieyasu é proclamado *Xogum* pelo imperado Go-Yozei. Agora com 61 anos de idade, Ieyasu chegou ao topo da hierarquia japonesa. Em apenas dois anos, ele abdica do título em favor de seu filho, Hidetada, o qual não era uma criança, mas mesmo assim o poder real ainda ficou nas mãos de Ieyasu. A sua renúncia cedo ajudou a garantir que houvesse uma continuidade na linhagem de poder. Hideyori, filho de Hideyoshi, ainda vivia, e por isso continuava sendo uma ameaça para Ieyasu e sua linhagem. Mas, em 1615, a fortaleza de Hideyori é sitiada e invadida. Em face de uma derrota certa, o jovem de apenas 22 anos comete suicídio. Neste mesmo ano algumas ações importantes são tomadas por Ieyasu⁵².

Ieyasu determina algumas medidas que ajudam na centralização do poder nas mãos do *Xogum*, foi deixado claro os limites do poder que a aristocracia possuía, o qual era meramente formal e cerimonial. A casta militar deveria assegurar os mandamentos que o *Xogum* estabelecesse, como por exemplo, nenhuma pessoa podia estabelecer residência em um domínio diferente; todos os criminosos deviam ser expulsos; todos os casamentos envolvendo *daimyo* deviam ser aprovados pelo *Xogum*; não era permitido construir novos castelos, e aqueles já existissem, em caso de reparos, precisariam da aprovação do *Xogum* para fazê-los.⁵³

Nota-se a necessidade de Ieyasu de centralizar todo controle social em suas mãos, houve mais medidas que reforçavam isso, mas não é o foco do capítulo. Porém, é evidente a preocupação com a mobilidade social que vimos anteriormente. Ieyasu sabia que a ascensão social era algo que podia ser perigoso à sua soberania, então, concentrar os mecanismos de aliança e possível ascensão social nas mãos do *Xogum* era importante para a manutenção do poder.⁵⁴ Essas medidas que foram aplicadas aos nobres e samurais não deixaram de afetar muitas vezes os camponeses, confinando-os nessa sociedade onde havia zero mobilidade, na maioria dos casos. Como disse antes, creio que a partir de medidas como essas, além daquelas de responsabilidade coletiva, criou-se uma necessidade de se cultivar um certo sentimento de

⁵² HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 55

⁵³ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 55

⁵⁴ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 55

lealdade, que funcionasse como uma ferramenta de sobrevivência, que com o passar do tempo pudesse até ser desenvolvida em uma prática cultural da honra e lealdade.

É nesse momento também que há uma separação de classes sociais muito mais clara. Manter a estabilidade era imprescindível para o controle de como o poder se desenvolvia no Japão, pois, com a mobilidade social é muito difícil de prever o que vai acontecer: quem ganhará poder? Quem será o triunfante? E quem possivelmente se voltará contra o *Xogum*? Congelando a sociedade da forma que está é uma ótima maneira de garantir certa previsibilidade na disputa pelo poder. O controle sobre as classes foi tão grande que foi estabelecido código de vestuário, o tipo de trabalho e local onde exercer seu ofício, chegando até mesmo onde se devia construir o banheiro.

Esse modelo de classes estratificadas foi inspirado no modelo hierárquico chinês conhecido pela expressão japonesa *shi-no-ko-sho*, significando: “guerreiro-camponês-artista-mercador”, apontando a ordem do status social de um sobre o outro. Os nobres, os monges e monjas ficavam fora desse sistema, de forma a serem superiores a todos. Mas existia duas classes que estavam fora desse sistema, mas que se classificam como subclasses. Os *eta* que significa em uma tradução livre, grande sujeira, e os *hinin* que significa não pessoas.⁵⁵

O *Xogunato* Tokugawa dura dos anos de 1600 até o ano de 1868, que culmina com a queda do *Xogunato* em si. Esse período, também possui o nome de *sakoku jidai*, que teria uma tradução próxima de “país fechado”. Isso pois, no ano de 1639, os estrangeiros foram expulsos ou saíram de forma voluntária do território japonês. Apenas os Holandeses eram permitidos na pequena ilha de Deshima. Oficialmente, apenas eles e os Coreanos e Chineses eram permitidos em território nipônico.⁵⁶

É nesse período que o samurai se torna quase que um adereço social. Poucas revoltas camponesas e praticamente nenhuma ameaça externa. Os samurais passam a se preocupar com o trabalho burocrático e político. Suas batalhas eram travadas através dos papéis e da política. Burocratas e administradores os samurais se tornam, deixando a espada apenas dentro da bainha. Porém, é nesse período que se desenvolve e vem à tona com maior expressividade a “ética samurai”, o *Bushido*, que significa “caminho do guerreiro”. Um caso famoso, que ficou marcado como a encarnação ideal do samurai, foi a história dos quarenta e sete *Ronin*. *Ronin* eram os samurais que não possuíam mestres. Isso podia acontecer por diversos motivos, seja

⁵⁵ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 56

⁵⁶ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 60

pela derrota e morte de seu senhor, seja pela expulsão do guerreiro pelo seu mestre, entre outras. Mas o caso dos “Quarenta e sete Ronins” ficou marcado na cultura japonesa como um exemplo, onde se observa o verdadeiro espírito dos samurais.⁵⁷

O incidente ocorreu no ano de 1701, quando um importante lorde, Asano Naganori foi insultado pelo chefe de protocolo do *Xogum*. Ao sentir-se ofendido, lorde Asano desembainha sua espada dentro do castelo do *Xogum*. Tal ação era um crime punível com a morte. Asano foi forçado a cometer *seppuku*⁵⁸ e seu domínio foi confiscado. Quarenta e sete de seus mais experientes samurais juraram vingança, para isso eles precisavam matar Kira, o homem que ofendeu seu senhor e que o levou a cometer tal crime. Para isso, os samurais, agora ronins, continuaram suas vidas tentando transparecer suas intenções e, por dois anos, agiram dessa maneira, até que atacaram Kira quando não havia guardas para protegê-lo. Os quarenta e setes foram condenados a cometer suicídio assim como seu mestre. Pelo que se entendia como *Bushido* naquele período, as ações dos ronins foram corretas, porém, pelas leis oficiais, eles agiram de forma errada.⁵⁹

É nesse período que são produzidas obras de cunho ético e filosófico, que vão discutir a cerca o papel do samurai, a sua formação, suas virtudes e práticas que deviam ser valorizadas, e até mesmo justificando a importância do samurai na sociedade, que agora não possuía o mesmo papel e funcionalidade que outrora tiveram. Obras como *Hagakure*, *Gorin no Sho*, entre outros trabalhos. Esses trabalhos e ideias, que passam a ser mais difundidas pelos samurais durante este período, contém uma forte influência confucionista. Podemos ver suas influências em discussões como a noção de seu lugar na sociedade, a honra de relacionamentos, o respeito da ordem e o cumprimento dos deveres.

Como todo esse período de relativa paz é muito grande, não é possível abrangê-lo todo. Por isso, quero me concentrar, agora, no fim desse período, o qual é marcado pelo fim do sistema vigente, o *Xogunato*, como também o fim da classe samurai no Japão. Tudo começa com potências ocidentais tentando estabelecer contato com o Japão, no final do século XVIII. A Rússia, Inglaterra e os Estados Unidos tentaram e falharam por diversas vezes. A esse ponto já era evidente que o contato ocidental iria persistir em acontecer. Porém, a ideia da abertura

⁵⁷ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 60

⁵⁸ Ritual de suicídio executado, em sua maioria por samurais que ofendiam seus superiores e tinham como punição a morte. O ritual mostrava a intenção limpa que a alma do acusado possuía, com o ato de abrir o estômago com uma pequena espada, pois acreditava-se que a alma do ser humano se localizava na região abdominal.

⁵⁹ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 62

para os estrangeiros europeus e americanos não era nenhum pouco bem vista pela população japonesa, em específico os senhores de terra e aristocratas. Visto que alguns que se manifestaram a favor desse contato foram assassinados ou forçados a cometer suicídio.⁶⁰

Nos anos de 1830, um sentimento geral acerca da falta de controle em relação ao *Xogunato* cresceu e, com isso, uma falta de respeito se espalhou. Em 1833 até 1837, houve uma grande fome no território japonês, fato que ajudou a aumentar esse descontentamento com o *Xogunato*. No ano de 1837, estourou uma insurreição, liderada por um oficial confucionista de nome Oshio Heihachiro. Apesar da revolta ter sido pequena, os oficiais tiveram certa dificuldade em suprimi-la, o que fez com que a revolta fosse mais conhecida pelo país, e aumentando ainda mais o desrespeito com relação ao *Xogunato*. Por consequência dessa insatisfação, os samurais, os quais em sua maioria eram os oficiais que representavam o *Xogunato*, perderam o respeito que tinham e muitos se perguntavam sobre a importância desses guerreiros, até mesmo a sua relevância enquanto militares.

Nesse meio tempo, em 1853, o Comodoro Matthew Perry chega a costa do Japão com as exigências de serem recebidos e da abertura de comércio com o país. O Comodoro era um homem determinado a conseguir estabelecer o contato com os japoneses, e estava preparado para o uso da força no cumprimento de sua missão. No ano seguinte o Comodoro retorna as terras nipônicas, com um armamento frente ao qual o *Xogum* não poderia resistir e teve que concordar com a abertura do país. Com a vinda dos estrangeiros para o país, muitos deles não eram “bem-comportados”, conforme os padrões aceitos pelos japoneses, e isso ajudou para criar descontentamento com o *Xogunato*, que fora visto como incapaz de lidar com a situação e manter os estrangeiros fora. O *Xogum*, que possuía em tese a obrigação de defender de qualquer ameaça, foi colocado em cheque. Nesse contexto, aqueles que antes faziam oposição ao *Xogunato*, entendem o momento como perfeito para agirem, mas é claro que havia certa preocupação com o bem da nação.⁶¹

Depois de algumas revoltas ao longo do país, os opositores ao *Xogunato* conseguem a sua vitória. Em 1868, ajudados por um membro da corte, os opositores conseguem ter acesso a um documento imperial que acaba com o *Xogunato* e restaura a autoridade imperial. Depois de muito a se discutir e várias brigas internas, o então *Xogum*, Yoshinobu, aceita a declaração e se aposenta pacificamente. O imperador, que agora possuía seus poderes novamente, era um

⁶⁰ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 69

⁶¹ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 70

rapaz de 15 anos chamado Mutsuhito, que postumamente ficou conhecido como Meiji, dando nome ao período também. Porém, os estrangeiros, cuja presença no país foi um dos motivos da insatisfação para com o *Xogunato*, não foram expulsos, pelo contrário, eles tiveram o país ainda mais abertos para si.⁶²

Foi depois da consolidação do governo Meiji que vemos o fim da classe samurai. Aconteceram enormes mudanças no Japão nesse período, como as leis que restringiam os ofícios e ocupação, não precisando ser mais hierárquico, como também o governo tomando a maior parte das terras de antigos *daimyo*, dando generosas compensações para esses senhores de terra e pagando um estipêndio para os samurais que serviam tais homens. Com isso, a classe samurai fica sem uma ocupação real, muitos passam a se dedicar a negócios, administração ou se voltaram para agricultura. Em 1873, o governo estabelece que não haveria mais estipêndios e daria aos samurais uma grande e final compensação. Tal lei se torna obrigatória em 1876 e, nesse mesmo ano, o homem que não tinha decidido o que fazer seria proibido de portar suas espadas, pondo um ponto final nos samurais.⁶³

Acredito que consegui abranger de forma mais básica tudo que concerne sobre os samurais. Talvez falte uma abordagem mais antropológica sobre tal classe, porém creio que compensei em evidenciar a importância da classe para a história do Japão, bem como a sua formação e transformações ao longo do tempo.

⁶² HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 71

⁶³ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 79

CAPÍTULO II: *Espada da Maldição* e o Japão no pós-Guerra.

O objetivo deste capítulo é discutir as relações da imagem construída do samurai, popularmente, através de obras como *Bushido, alma de Samurai*, escrito por Inazo Nitobe lançada em 1900. E para fazermos essa discussão no presente capítulo, foi necessário conhecimento prévio acerca do samurai enquanto uma classe social localizada temporalmente. Para dessa forma termos em nossas mentes o que significa o samurai na cultura nipônica, mesmo que de forma mais básica. E neste capítulo, avançaremos no tempo buscando o que foi deixado pelos samurais e que foi resgatado pelos japoneses do final do século XIX e início do século XX. E observar a relação do filme *Espada da Maldição*, que se localiza temporalmente após a segunda guerra mundial, com o uso da ética samurai em políticas expansionistas no período anterior a segunda guerra mundial. Partimos da hipótese de haver um esforço, por parte dos japoneses em meados da década de 1950, em instituir valores de um Japão pós-guerra. Tais valores trazem, em sua construção, ideais de nação, nacionalismo, heroísmo e identidade, refletidos nas representações do samurai nas diferentes mídias.

A restauração Meiji (1868) já havia significado um esforço de renovação/modernização, conforme parâmetros “ocidentalizantes”, da nação japonesa, levando o Japão a seguir o exemplo de países europeus, os quais no fim do século XIX e início do XX, estão empenhados na criação de identidades nacionais e vivenciam o crescimento de movimentos nacionalistas. Dessa maneira, o Japão envereda pelos caminhos do imperialismo e constrói uma forte ideologia nacionalista. No início do século XX, o Japão, tem força suficiente para competir por territórios e se mostra como uma potência em emergência. Sendo assim muitos países asiáticos se veem face a esse Japão, cujas crenças e interesses econômicos, os motivam a unir o Oriente asiático, sob sua luz.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Japão se alia a Alemanha nazista. As ideias de pureza de raça e uma única raça superior, as quais a Alemanha pregava assemelhavam-se, em parte, com a ideia de descendência divina, que existe na mitologia japonesa. Essas ideias foram importantes para a legitimação do Imperador japonês no século XIX, pelo governo Meiji, que, por acreditar na superioridade do povo japonês, dá cabo a expansão do império japonês por

toda a Ásia⁶⁴. Contudo o resultado da guerra foram, milhões de mortos, duas bombas atômicas lançadas em território japonês e a crença de descendência divina sendo quebrada, quando seu imperador declara a derrota.

Como foram derrotados, o Japão ficou submetido a normas e imposições das nações vencedoras. Em seu território, bases militares americanas, passaram a operar e o General americano Douglas MacArthur assumiu a posição de administrador do novo governo, possuindo o título oficial de Comandante Supremo das Forças Aliadas. É importante nos atentarmos a todo esse contexto pelo qual o Japão passava, para podermos entender o seu impacto na indústria cinematográfica. Antes de entrarmos no filme que me propus a analisar, farei uma introdução do cenário cinematográfico japonês antes e depois da Segunda Grande Guerra. Para isso, utilizarei, como base, um artigo de Marcelo Dídimo Souza Vieira e Jorge Couto de Alencar, “Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês”⁶⁵, que traz um panorama geral sobre o cenário cinematográfico japonês nesse período.

Os samurais sempre foram protagonistas em diversos momentos históricos, especialmente naqueles em que o impacto na história do Japão foi maior. Pelo motivo de serem a classe guerreira, que se desenvolveu ao decorrer dos séculos, sua importância nos embates, tanto políticos quanto os que envolviam violência física, fizeram da sua figura muito popular. Sua representação em formas de teatro, que datam desde o século XVII, retratam esses guerreiros das mais diferentes formas.⁶⁶

Durante os séculos XVII e XVIII, havia muita censura, e as peças de teatro estilo *Kabuki*, que era uma forma de entretenimento popular, sofriam muito com as censuras e, nas palavras dos autores acima citados:

Esse teatro buscava apresentar um mundo mais próximo do real. Seus espectadores procuravam ver como as coisas eram e não como deveriam ser. Seus heróis sofriam todas as angústias da vida em um ambiente onde sentimentos e vontades não podem ser sempre externados e onde o peso da sociedade esmaga desejos individuais.⁶⁷

A censura funcionava para evitar que fossem discutidos assuntos polêmicos envolvendo pessoas de status elevado. Porém, essas peças usavam de artimanhas para burlarem a censura imposta. Havia uma divisão dessas peças com base nos conteúdos apresentados. Peças que

⁶⁴ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 117

⁶⁵ VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016

⁶⁶ VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016. P.158

⁶⁷ VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016. P.158

envolvessem tempos passados eram chamadas de *jidaimono* e as peças que se passavam no período presente, receberam o nome de *sewanomo*. Algo que os autores apontam, é a similaridade com a divisão feita nos filmes japoneses, posteriormente, no século XIX.⁶⁸

O motivo de dividirem nessas categorias é porque poderia ser feita a crítica as figuras de poder de forma indireta. No teatro *jidaimono*, utilizavam-se personagens localizados em tempos passados, mas que mostrariam paralelos análogos aos problemas enfrentados no presente.⁶⁹ É então nessa prática que podemos ver a inspiração dos filmes *Chanbara*, nome utilizado para denominar filmes que possuam em sua temática lutas de espadas, um subgênero que pode transitar entre os gêneros principais. Esses filmes frequentemente utilizam elementos históricos reais, como outros elementos ficcionais, para montarem a trama dos filmes.

Os filmes japoneses possuem um sistema de classificação, como dito anteriormente, bem parecido com os do teatro *Kabuki*. São classificados em *jidaigeki*, que compreende os filmes de época, mais precisamente os filmes que se passam do início do reinado de *Tokugawa*, iniciado em 1603 e que tem fim com a restauração *Meiji*, em 1868. Já os *gendaiigeki* são os filmes que têm suas histórias se passando, cronologicamente, durante e depois da criação do governo *Meiji*. Porém, como vemos no artigo, os filmes não seguem essa classificação com relação ao seu conteúdo. Podendo ter filmes que não respeitam essas datas para apresentar um conteúdo, que teoricamente não se classificaria em determinado gênero.⁷⁰

A primeira apresentação cinematográfica feita no Japão, data de 1897 na cidade de Osaka e no mesmo ano a primeira câmera é importada para o país.⁷¹ O teatro tradicional japonês, o *kabuki*, foi um grande pilar referencial para os filmes produzidos nesse primeiro período. O uso de samurais e gueixas nas histórias seguiu a tradição e se manteve popular até os anos de 1940 sendo produzidos quase seis mil filmes *jidaigeki* no Japão⁷². Durante as primeiras décadas do século XX, é necessário dizer que o cinema japonês passou por diversas mudanças e inovações, devido a influências do cinema “ocidental” e por exigências do seu público interno. Não foi o objetivo do artigo discutir com detalhes esse período do cinema

⁶⁸ Pg VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. *Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês*. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016. P.159

⁶⁹ VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. *Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês*. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016. P.158

⁷⁰ VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. *Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês*. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016. P.159

⁷¹ VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. *Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês*. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016. P.161

⁷² VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. *Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês*. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016. P.162

japonês, porém, é necessário entendermos que houveram mudanças, surgimento de subgêneros diferentes, novas técnicas e tecnologias, bem como o uso dos atores de diferentes formas.

O cinema japonês passou por uma grande mudança no fim da década de 30, quando passou a ser visto pelo governo japonês como potencial ferramenta a ser usada para contribuir com os esforços de guerra, de forma direta através das propagandas militares e de formas mais indiretas, produzindo filmes que possuísem valores apoiassem o governo, valores que exaltassem o povo japonês bem como suas conquistas. Ou seja valores que reforçavam o nacionalismo.⁷³” A indústria cinematográfica do país, entretanto, havia se estruturado e crescido sempre orientada para o lucro de seus produtos e teve dificuldade em produzir a quantidade desejada pelo governo de filmes que se adequassem a uma política-nacional.”⁷⁴

Com isso, o governo decidiu fundir as dez grandes produtoras de filmes do país em três estúdios, a fim de que produzissem a todo vapor. Fomentou-se a produção de películas que cumprissem as exigências de imprimir, nas telas, os valores e motivações que o governo japonês desejava. Dessa forma, o governo japonês pôde ter controle suficiente sobre todo tipo de filme que era produzido em seu território. Porém, a derrota do Japão na segunda guerra mundial trouxe implicações em vários aspectos da vida cotidiana japonesa. O país estava, neste momento ocupado pelas forças norte-americanas, a qual passou a comandar reestruturação do país. Renovações das regras sobre a indústria cinematográfica japonesa foram instauradas pelas autoridades americanas: “Sob as novas normas, os filmes não poderiam difundir militarismo, revanchismo, nacionalismo, opiniões antidemocráticas, exploração de crianças e opressão de esposas, entre outros temas.”⁷⁵.

O Japão era um país em crise por conta dos inúmeros danos que sofrera durante a Segunda Guerra Mundial. O país se encontrava sob ocupação estrangeira, seus filmes, como dito, tiveram que se adequar a padrões morais e culturais que não provocassem os sentimentos de vingança e de incentivo a violência, pois como o país estava ocupado por forças estrangeiras, era necessário que os sentimentos nacionalistas de outrora fossem suprimidos. Para que a ocupação do território japonês continuasse de forma pacífica e passiva por parte dos locais. Porém, algo a se notar é que, mesmo em uma crise grave, o Japão aumentava cada vez mais a

⁷³ VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016. P.166

⁷⁴ VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016. P.166

⁷⁵ TARGINO, José Carlos; ELOI, Ana Cláudia; TARGINO, Camila; PACHECO, Roberto. Ozu, Mizoguchi, Kurosawa: o cinema japonês nos anos cinquenta. G. & Tróp., Recife, v.23, n.2, p. 259-274, jul./dez., 1995. p. 262

capacidades de cinemas no país, bem como um evidente aumento na produção de filmes durante a década de 1950⁷⁶. Um japonês comum ia ao cinema por ano uma média de dez vezes.⁷⁷ Um cidadão de Tóquio, capital do país, ia duas vezes por mês ou vinte vezes ao ano, como informa o artigo “From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar Japanese Samurai films”.

O artigo nos mostra alguns números interessantes, que nos servem como ferramenta mensuradora da indústria cinematográfica. “By the early 1950s, there were 2,641 theaters in Japan, matching the postwar total, and by 1959 that number increased to 7,401. In 1958 1,127 million tickets were sold and in 1960, film production peaked with 547 films made in Japan.”⁷⁸ É claro, que dentro desse enorme número de filmes produzidos, havia muitos filmes que não chegava a ter respostas positivas e significativas por parte do público. E por tanto não estiveram em cinemas ocidentais, não obtendo um reconhecimento maior como é o caso de outras obras de diretores famosos como Akira Kurosawa, Yasujiro Ozu, Kihachi Okamoto entre outros. Nesse período, as produtoras testaram o que era mais atrativo ao público. Suas conclusões foram de que deveriam concentrar em filmes com baixo custo e que girassem em torno de dramas contemporâneos, com menos filmes de época sendo produzidos. Porém, os filmes de samurais nunca perderam espaço, devido a sua alta popularidade.⁷⁹ Segundo o artigo, havia uma razão para que os filmes de samurai tivessem continuado populares e, posteriormente, na década de 1960, para um aumento na procura de filmes com essa temática:

Standish has argued that as television became more popular in the early 1960s, it became associated with the domestic and the female, while the cinema itself—as well as the genres particular to it— became associated with men and conflicts central to the construction of Japanese masculinity. Film genres emerged as part of major studios' efforts to tailor their films for male audiences⁸⁰.

De certa maneira torna-se claro o motivo de homens serem os maiores consumidores de filmes com essa temática. Não podemos desconsiderar, que o Japão, perdendo a segunda guerra mundial, tenha sido ferido em suas instituições, que faziam parte do constructo de sua

⁷⁶ TARGINO, José Carlos; ELOI, Ana Cláudia; TARGINO, Camila; PACHECO, Roberto. Ozu, Mizoguchi, Kurosawa: o cinema japonês nos anos cinquenta. G. & Tróp., Recife, v.23, n.2, p. 259-274, jul./dez., 1995. p. 262

⁷⁷ LACKNEY, Lisa. From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar Japanese Samurai films. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em história) - University of Akron, Akron, 2010. p. 4

⁷⁸ LACKNEY, Lisa. From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar Japanese Samurai films. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em história) - University of Akron, Akron, 2010. p. 4

⁷⁹ LACKNEY, Lisa. From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar Japanese Samurai films. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em história) - University of Akron, Akron, 2010. p. 4

⁸⁰ LACKNEY, Lisa. From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar Japanese Samurai films. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em história) - University of Akron, Akron, 2010. p. 5

identidade nacional. Por isso, ver o homem samurai japonês vencendo os vilões e se tornando o herói no final da história tornava-se atrativo ao imaginário popular masculino. A popularidade de outros gêneros de filmes, por conta da maioria do público de cinemas ser masculino, também cresceu. Os filmes softporn, por exemplo, foram amplamente difundidos por conta disso também⁸¹.

O sentimento nostálgico dos valores japoneses do pré-guerra, da imagem perfeita de Japão, das relações sociais e modo de vida permeava o imaginário popular, através dos filmes *Chanbara*. Como afirma Lisa Lackney: “I argue that nostalgic films resurrected prewar values, reiterating the centrality of the village in constructing Japanese identity, privileging chaste love over romance, and constructing male homosocial relations around a father-son ideal.” (Pg 6 FROM NOSTALGIA TO CRUELTY)⁸²

Entretanto, quero trazer ênfase aos filmes que foram produzidos na década de 1960. O filme que irá ser analisado mais adiante nesta monografia foi lançado no ano de 1966. Muitos dos filmes que foram produzidos e lançados nessa década, ganham a categorização de filmes cínicos⁸³, traduzido de uma forma livre do inglês *cynical*. Esses filmes continham elementos que faziam oposição aos valores da maioria dos filmes, que, na década anterior, desejavam um retorno aos ideais do Japão pré-guerra. Porém, não apenas a crítica dos valores era feita, como também a crítica do que a sociedade japonesa havia se tornado no período do pós-guerra. “In contrast, cynical films mocked these values and used depictions of bushido to critique Japanese society.” (pg 6 FROM NOSTALGIA TO CRUELTY).⁸⁴

É possível defender que o cinema produzido, durante a década de 60 desejava apontar que os valores do período anteriores a derrota na segunda guerra, ainda podiam ser observados em sua sociedade. De certa maneira, esse cinema utiliza estratégias observadas nos teatros *kabuki*: ambientar suas tramas no passado, expondo as falhas da sociedade do presente, e de certa forma servindo como alerta, para que a sociedade do presente não esqueça de seus erros anteriores. Além de nos mostrar as preocupações que os diretores tinham com relação a sua própria sociedade, esses filmes denotam que os clichês consagrados no cinema não representam símbolos japoneses de forma a serem o espelho do real, mas sim uma imagem construída com

⁸¹ LACKNEY, Lisa. From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar japanese Samurai films. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em história) - University of Akron, Akron, 2010. p. 5

⁸² LACKNEY, Lisa. From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar japanese Samurai films. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em história) - University of Akron, Akron, 2010. p. 6

⁸³ LACKNEY, Lisa. From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar japanese Samurai films. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em história) - University of Akron, Akron, 2010. p. 6

⁸⁴ LACKNEY, Lisa. From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar japanese Samurai films. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em história) - University of Akron, Akron, 2010. p. 6

propósitos políticos que visava o engrandecimento do povo japonês como justificativa para seus projetos expansionistas.

O filme escolhido para a análise foi o longa-metragem dirigido por Kihachi Okamoto, *Espada da Maldição (Dai-bosatsu Tôge)*. O filme estreou em 25 de fevereiro de 1966 no Japão e traz, como protagonista, o transtornado samurai Ryunosuke Tsukue (Tatsuya Nakadai). Logo no início do filme, vemos a crueldade assustadora de Ryunosuke ao matar um velho que orava diante de um altar, o qual pedia a Buda que o levasse daquele mundo e desse à sua neta, uma vida melhor, pois os dois viviam seguindo de lugar em lugar, tentando achar abrigo. Ouvindo isso, Ryunosuke tira a vida do velho sem hesitar. A trama nos mostra que o jovem samurai, teria de comparecer a uma partida de exibição de seu antigo dojô de *kenjutsu*, que constitui a prática de técnicas de espadas voltado para o campo de batalha em situações reais de perigo. A esposa de seu oponente aborda Ryunosuke em sua casa e o implora para que ele perdesse o duelo no dia seguinte. Ryunosuke possuía grande habilidade com espada e isso era de conhecimento geral. Ele, porém, não poderia perder uma disputa intencionalmente, mas acaba aceitando quando a mulher de seu oponente, induzida por Ryunosuke, lhe oferece favores sexuais.

Entretanto, Ryunosuke acaba matando o seu oponente durante a disputa, mesmo tendo aceitado a oferta de Ohama (Michiyo Aratama). Ryunosuke foge de sua vila por conta do ocorrido e se muda para a cidade. Com o tempo, Ryunosuke se torna cada vez mais sanguinário e seu desejo por sangue aumenta. Quando ele passa a fazer parte de um grupo de conspiradores, que desejava a permanência do Xogunato, Ryunosuke passa a agir junto com esse grupo, assassinando os seus adversários. A época em que se passa a trama do filme é entre 1862 e 1863. Pode-se observar a influência do tempo histórico através dessas pequenas cenas, em que, de forma implícita, é discutida a política daquele contexto no qual o filme se propõe a passar. Ryunosuke se envolve cada vez mais com mortes e problemas envolvendo política. Ele mesmo não parece se importar com isso.

Ryunosuke passa a ser um alvo atingido por várias direções, pois está cada vez mais mergulhado em tramas que envolvem vingança e mais violência. O filme caminha para uma batalha final, porém não há conclusão. A última cena que vemos é Ryunosuke enfrentando antigos membros de seu grupo de assassinos. Diversos homens são mortos por ele. Mesmo ferido por diversos golpes, ele continua a matar. O filme acaba com uma cena focando no rosto de Ryunosuke, que ainda luta.

Era previsto que houvesse continuações do filme para assim descobrirmos o destino do vilão protagonista, porém foram canceladas. Esteticamente, o filme vale muito a pena de ser visto: suas cenas de luta são muito bem coreografadas, bem como o roteiro e a direção de arte se mostram de altíssima qualidade para os padrões tecnológicos da época. Talvez o que tenha me atraído para o filme foram os conceitos que ele desafia e quebra durante a sua narrativa. Com a imagem tradicional do samurai sempre em mente, que atende as expectativas do senso comum, fui confrontado com uma visão totalmente diferente do esperado. O filme trouxe muitos questionamentos a mim. Compor um filme sobre um samurai que age como um vilão, mesmo sendo o protagonista é realmente bem instigante.

O filme enquadra-se muito bem na definição de “cínico”, que vimos anteriormente. A personagem principal é representante muito clara da corrupção da “alma do japonês”. O resgate de valores pré-guerra, que os filmes da década passada fazem, são substituídos pela crítica feroz dos mesmos. Há uma crítica à sociedade japonesa, que mudou radicalmente, por conta de tudo que ocorreu nas décadas anteriores. Naquele contexto do Japão, não era mais possível olhar para sua própria gente e achar que ainda era o mesmo povo de séculos anteriores, se é um dia realmente foram, tal como idealizado no universo do “Bushido”. O imaginário popular poderia ser o mesmo, porém, o que a nação havia se transformado divergia dos valores pregados antes da Segunda Guerra.

O filme parece desempenhar uma função análoga à do teatro *Kabuki*, em seu tempo: crítica de sua própria sociedade, focalizando a sociedade do período pré-guerra e, ao mesmo tempo, em problemas existentes no presente. O filme utiliza-se da narrativa histórica de uma outra época para incorporar elementos de crítica à sociedade coeva. Ele mostra um samurai que corrompe sua espada por conta de sua alma corrompida. Ryunosuke, no filme, é um personagem deslocado, que ganha utilidade no mundo por suas habilidades com a espada. Porém, sua personalidade e desejos não são compreendidos pelos outros a sua volta. O samurai não é o herói virtuoso de sagas idealizadas, ele apenas nutre o desejo de matar. Matar por matar: significativamente, ele deixa a vila de sua família. As vilas, anteriormente em filmes da década de 1950, eram retratadas, com reverência, como a raiz do Japão. Agora, era o lar abandonado de um assassino que traz à tona desejos negativos.

Quando nos atentamos para o Japão da década de 1960, década de produção do filme, vemos que as questões da sociedade japonesa mudaram drasticamente desde que perderam a guerra e seu país foi ocupado pelas forças americanas. O Japão se ergueu graças aos incentivos financeiros americanos e das decisões burocráticas tomadas. O Japão na década de 1960 se

colocou no mercado internacional como um grande exportador de tecnologia barata. Mas foi em 1964 que o Japão abre as portas para os olhos de todo o mundo. Nesse ano o país sediaria os jogos olímpicos, e seria o momento perfeito para mostrar a todos a força do povo japonês, que sobreviveu a arma mais poderosa até então criada e mesmo assim, em menos de 20 anos depois, mostrava a todos como a nação desabrochou para um novo tempo.⁸⁵

É evidente que houve um esforço coletivo, pelo menos aparentemente, de restaurar o país. O setor econômico do país passou por enormes mudanças. Um dos fenômenos mais marcantes foi o do crescimento de cidades, aumentando drasticamente a densidade populacional urbana. Com o crescimento econômico, houve a necessidade de uma produção cada vez maior de produtos para atender as necessidades dos mercados interno e externo. Ao lado do notável progresso material e econômico do período, problemas, contudo, também surgiram. O filme *Espada da Maldição* faz um exercício de mostrar faces diferentes de um personagem já muito conhecido, acrescentando complexidade no personagem ao quebrar os parâmetros comuns, que o samurai já possuía previamente. O filme nos faz questionar a validade da imagem do Samurai conforme o Bushido (tal como nas perspectivas idealizadas como a de Inazo Nitobe), se ela realmente pode universalizar os comportamentos e valores dos samurais para toda a nação e se estes valores, de fato, encontram lugar efetivo na história do povo japonês.

Inescrupuloso, Ryunosuke não respeita as relações pai e filho, subjuga a mulher ao papel de causadora de todos os problemas e distancia-se de qualquer possível redenção. Algumas das atitudes de Ryunosuke ao longo do filme, para um espectador comum, são estranhas e é difícil entender os motivos do filme era retratar um samurai, sendo ele o protagonista, com esse tipo de atitude. Mas quando nos atentamos ao contexto de crítica à sua própria sociedade e aos valores do passado, os quais construíram o Japão e que resultaram na realidade japonesa da década de 1960, suas escolhas podem ser clarificadas.

O filme *Espada da Maldição* traz inúmeras possibilidades de discussão, e aborda diferentes temas e pesquisando mais a fundo descobri que o filme é baseado em um outro material. *Daibosatsu Toge* é o nome original do filme em questão e dá nome também a uma série de romances escritos no início do século XX por Kaizan Nakazato (1885–1944). Os romances começaram a ser publicados no ano de 1913 e continuaram por mais trinta anos, sendo publicados quarenta e um volumes. Porém, a série não foi completada devido a morte de

⁸⁵ SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007. P.209

seu autor⁸⁶. O artigo “The Sword of Doom: Calligraphy in Blood”, escrito por Geoffrey O’Brien para o site especializado em cinema, *Criterion Collection*, nos mostra que a obra original teve outras adaptações, antes daquela a qual estamos discutindo, entretanto, algumas se perderam. Por serem filmes do período pré-guerra, muitos foram perdidos no contexto da guerra.

Anteriormente, comentamos que o fim do filme é uma imagem estática do protagonista em meio ao caos. E, no artigo, algumas questões tornam-se claras:

The freeze-frame that concludes Okamoto's film should be seen not as an ending but as a pause while awaiting later installments that were never made (covering episodes in which, among other things, the hero goes blind and changes sides to support the imperial faction).⁸⁷

O material original possui um conteúdo que traz consigo, como filosofia, um caráter muito religioso. Segundo a análise no artigo citado acima, o autor dos romances, Kaizan Nakazato, sofrera grande influência do Cristianismo, bem como o Budismo de forma a incorporar virtudes e questionamentos que as duas religiões fazem. Outras filosofias, como o Socialismo, também influenciaram o autor em seus escritos. Não é difícil de enxergar essa influência transparecendo, anos depois, na película de Okamoto. Um outro elemento também está aparente nas ideias do protagonista: está o Niilismo, que, no artigo do site *Criterion Collection*, aparece como adjetivo para descrever a conduta ética da personagem principal.

É necessário nos atentarmos aos valores que o filme nos mostra de forma irônica e distorcida para compararmos com o que livro *Bushido*, de Inazo Nitobe, nos apresenta sobre os samurais, ou melhor, sobre a sociedade japonesa de forma idealizada. A princípio nos atentaremos ao valor da honra, que é muito difundido na mídia de forma exagerada, principalmente para nós ocidentais, que acabamos por aceitar essa idealização do samurai e do próprio japonês comum, por assim dizer.

Com base no livro *Bushido, alma de samurai*, de Inazo Nitobe, é possível demonstrar a visão de honra que se consagrou como um ponto de vista do senso comum. O autor, no início do capítulo que tem como título “Honra”, nos mostra que a tradução atual, do tempo de publicação do livro, não possuía certa flexibilidade em expressar a palavra honra e que poderia ser transmitida a mesma ideia de honra com outros termos. *Na* (nome) *men-moku* (compostura), *guai-bun* (audição externa) são alguns dos termos também utilizados. O caráter das palavras nos mostra que a honra se dá por algo que é visível aos outros. Ela é um fator atribuído por

⁸⁶ O'BRIEN, Geoffrey. **The Sword of Doom: Calligraphy in Blood**. 2015. Disponível em: <https://www.criterion.com/current/posts/358-the-sword-of-doom-calligraphy-in-blood>. Acesso em: 07/02/2019.

⁸⁷ O'BRIEN, Geoffrey. **The Sword of Doom: Calligraphy in Blood**. 2015. Disponível em: <https://www.criterion.com/current/posts/358-the-sword-of-doom-calligraphy-in-blood>. Acesso em: 07/02/2019.

outros a um indivíduo, que por sua vez possui qualidades internas, as quais transparecem externamente. O cultivo da honra, segundo Nitobe, na mente de um samurai, se dá desde a sua infância. O aprendizado sobre a vergonha se dá juntamente com a honra. A vergonha é o que impulsiona o samurai a zelar por sua honra, tanto que numerosos casos de barbárie foram cometidos em nome da honra, como o diz o autor⁸⁸.

Porém no capítulo em questão, vemos que o comportamento impulsivo é condenado também. O autor nos mostra que a paciência com os insultos e com situações embaraçosas, frente às quais um samurai poderia vir a se enfurecer e a cometer atos de violência, deveria ser exercida. “Suportar o que você acha que não pode suportar é realmente suportar”⁸⁹. Portanto, a paciência é um elemento necessário para compor o caráter de um samurai honroso, mesmo que, na prática, poucos se lembrem dos ensinamentos que levam à paciência⁹⁰.

Para a maior parte, um insulto era rapidamente ressentido e devolvido com a morte, como veremos mais tarde, enquanto a honra – frequentemente nada mais alto do que a vaidade ou aprovação mundana – era apreciada como a *summum bonum* da existência terrena.⁹¹

A honra, mesmo que acompanhada por elementos apaziguadores, ainda levava os homens a buscar a morte em causas que julgassem haver honra nelas. Vemos esse tipo de virtude em outras histórias de cavaleiros de outros contextos históricos, que não os samurais. Inazo Nitobe tem como um de seus objetivos aproximar o guerreiro nipônico com os cavaleiros europeus medievais. Porém esse arquétipo romantizado da honra ficou bem impregnado em nossa visão ocidental, que julgamos os guerreiros e, mais ainda, toda sociedade japonesa como capaz de se sacrificar em nome da honra. Porém, no filme, percebe-se um movimento duplo. Os elementos cínicos distorcem as virtudes clássicas do samurai, ao mesmo tempo, que estes valores estão ali presentes, como crítica à própria sociedade japonesa. Nos é mostrado um ponto de vista em que questionamos a naturalidade em relação aos virtuosos e justos samurais.

Ryunosuke conta com a característica da honra, porém ela se distancia muito da honra que vemos no livro de Inazo Nitobe. Sua honra reside em sua performance como espadachim. Visto que suas habilidades são muito boas, sua honra e dedicação para com a arte da espada é notória. Entretanto, a honra que ele cultivava o leva a atos nefastos e muito longe de serem os atos de um homem honrado. No início do filme, Ryunosuke explica que sua espada é a coisa mais sagrada para ele e que perder de propósito um duelo seria trai-la e desonrá-la. Ele compara esse

⁸⁸ NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 55

⁸⁹ NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 57

⁹⁰ NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 59

⁹¹ NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 59

sentimento com o sentimento de uma mulher, que guarda sua virgindade apenas para o seu marido. Ele dirige estas palavras para a esposa do homem com quem lutaria no outro dia; diz a ela que, se ela pudesse abrir mão de sua honra, ele abriria mão de sua própria e perderia o duelo. Mas, apesar da jovem esposa concordar com isso, seu marido acaba assassinado por Ryunosuke.

Vemos que a honra de Ryunosuke está intrinsecamente ligada aos desejos próprios. Ele pode abrir mão da sua honra se isso o beneficiasse. Sua honra está em satisfazer a sua sede sangue. Matar é o propósito para o qual uma espada é feita, porém, a complexidade que envolve o uso da violência é muito maior e exige muito da honra. Matar é reservado a contextos específicos, onde não tenha qualquer elemento que possa insinuar covardia, como atacar alguém despreparado ou atacar pessoas que não podem se defender. Porém não podemos achar que esse pensamento era de alguma forma um impedimento para atos de covardia e nada honrosos por parte dos guerreiros.

Em um trecho do filme onde vemos uma emboscada feita por Ryunosuke e seus companheiros. O jovem se depara com um inimigo muito mais forte que ele, a personagem de Toshiro Mifune, que no caso é o adversário de Ryunosuke, expressa seu entendimento sobre a alma e a mente de um samurai. Sua espada é a sua alma, se estudar a alma conhecerá a espada. Uma alma e uma mente ruins refletem uma espada ruim. É claro que o personagem estava se referindo ao protagonista, Ryunosuke. A espada que apenas deseja cumprir seu papel de matar reflete os propósitos que rodeiam a mente de Ryunosuke.

Agora, eu gostaria de trazer um elemento muito importante para nosso entendimento: a espada samurai. Um samurai se armava de duas espadas, uma maior e uma outra menor, *daito* e *shoto* ou *katana* e *wakizashi*, respectivamente. O título do capítulo que se propõe a tratar a respeito da espada, no livro Bushido de Inazo Nitobe, vem com a seguinte declaração, “A espada, a alma do Samurai”. Vemos então que, mesmo no filme, alguns valores e significados tradicionais são mantidos por determinados personagens.

Seguindo adiante pelo texto, vemos como se dá o culto e o respeito a essa arma. Desde crianças, os jovens filhos de samurais são incentivados a sonharem em ser tais guerreiros e a terem suas próprias espadas. No capítulo, é dito que o ensino do manejo dessas armas começa muito cedo, aos cinco anos, idade quando a criança é vestida com armadura e em sua cintura ele carrega uma espada real, ao invés da de madeira, a qual era seu brinquedo. A espada é a alma de um samurai por alguns motivos. Um desses motivos é justamente por ser o símbolo de status e de identidade que ela agrega a seu portador. Como o autor nos escreve: “A posse completa do instrumento perigoso lhe dá um sentimento e um ar de respeito próprio e

responsabilidade. “Ele não porta uma espada em vão. ” O que ele carrega em seu cinto é um símbolo do que ele carrega em sua mente e em seu coração” (NITOBÉ, 2005. P. 92)⁹²

O outro motivo que consegui identificar é justamente sobre a espada refletir o que existe dentro do ser humano que a empunha. Voltando ao capítulo, vemos que a espada é tratada realmente como um objeto místico e digno de artistas. A espada adorna os lugares comuns da casa para que pudessem ser vistas e admiradas. O armeiro, cujo o trabalho era a fabricação dessas armas, é tratado como um artista e como um sacerdote. Como o autor nos diz, o armeiro não era um artesão qualquer, suas habilidades eram as de um artista inspirado. Sua oficina era como um santuário. Orações eram previamente realizadas para purificar o local onde eram realizadas as suas atividades. “Ele entregava sua alma e espírito à forja e têmpera do aço. ” (NITOBÉ, 2005. P. 93)⁹³

Então, o autor nos leva a pensar sobre a violência que esses belos instrumentos desencadeavam. É impossível ignorar os danos que uma educação que valoriza tanto a honra e o respeito por seus status tenha causado. Sendo que os samurais eram aqueles que possuíam os instrumentos de violência mais eficientes em seu contexto, é quase improvável que abusos do uso da espada, não acontecessem. Como podemos claramente ver no filme, o autor nos fala que a espada presa a cintura gerava muita tentação ao seu portador em usá-la. Porém, Inazo Nitobe afirma que a pergunta mais importante a ser feita é se o Bushido permitia ou não esses abusos constantes. O que obtemos de resposta, “... sem dúvida, é não! ” (NITOBÉ, 2005. P. 93).⁹⁴

Como ele [o Bushido] dava grande ênfase ao seu uso próprio, também denunciava e execrava seu mau uso. Era um vilão ou um fanfarrão aquele que brandia sua arma em ocasiões impróprias. Um homem calmo sabe a hora certa de usá-la, e essas ocasiões eram frequentes.⁹⁵

Fica bem claro que o protagonista do filme não está interessado em obedecer ao *Bushido*, ou melhor dizendo, a sua educação familiar. A personagem profana a sua espada, porém, perversamente, a venera ao mesmo tempo. Ele a transforma naquilo que mais confia no mundo, porém sua confiança nela vem devido ao seu mau uso. Ele cospe na tradição e no que aprendeu e transforma o símbolo de honra em um símbolo de violência e medo. É justo pensar que o uso de um personagem com tais atitudes reflete um julgamento sobre o caráter dos japoneses, tanto aqueles de seu próprio tempo, na década de 1960, como também aqueles do passado próximo, que ergueram o Japão durante a restauração Meiji, e que no período Showa,

⁹² NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 92

⁹³ NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 93

⁹⁴ NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 93

⁹⁵ NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 93

levaram a nação ao imperialismo na Ásia e à Segunda Guerra. O filme nos mostra que o povo japonês está sujeito a ser tão perverso quanto qualquer outro povo da terra. Mostrar isso é também dar a abertura a entender que a tão falada linhagem divina não passaria de uma lenda.

Fica clara a crítica a esses ideais, quando olhamos para o início do século XX, logo após o final da era Meiji. Em 1912 se iniciou o período Taisho⁹⁶ e com ele o Japão se mostrava muito bem em quesitos econômicos e parecia que seriam tempos promissores ao país, e também nesse período começava a se desenvolver uma série de ideias nacionalistas, as quais contribuíram para grandes atrocidades cometidas pelo estado japonês. Na política esse período se inicia com algumas turbulências e saídas rápidas de primeiros ministros do cargo, incluindo o fato de pela primeira vez na história do Japão uma autoridade é destituída com a ajuda da população⁹⁷. Logo nesses primeiros anos o Japão tomou atitudes, tanto internas quanto externas, que mostram suas aspirações em possuir controle sobre a Ásia e de certa forma um desprezo pelo estrangeiro.

Em setembro de 1923 ocorreu um desastre muito grande na história do Japão. O grande terremoto de Tóquio aconteceu, mantendo mais de 100,000 pessoas. Em meio a esse desastre muitas casas pegaram fogo para piorar a situação. E muitos rumores foram espalhados, os quais diziam que a causa desses incêndios eram os imigrantes coreanos que viviam na cidade Tóquio. Dizia-se que fizeram isso para poder saquear as casas e ainda mais, que estavam ali para envenenar os poços e causar danos aos japoneses, como se tudo isso fosse uma missão de sabotagem internacional. E haviam aqueles que diziam que o terremoto em si fora causado pelos coreanos, que por estarem em solo japonês trouxeram a ira dos deuses. Por conta desses rumores cerca de 6,000 coreanos morreram, vítimas de ataques por parte da população japonesa⁹⁸.

Durante a primeira guerra mundial o Japão foi aliado a Inglaterra, porém não teve uma ação efetiva no combate. E logo tomou ações que fossem vantajosas a eles. Apreendeu territórios alemães como Shandong, que fica na península da Ásia, e várias ilhas no pacífico que pertenciam a Alemanha.⁹⁹ Porém a ação que mais causou impacto foi a apresentação de vinte e uma demandas para o governo Chinês, dentro delas o reconhecimento território japonês algumas áreas, como por exemplo Shandong, que tinham sido apreendidos pelos japoneses a

⁹⁶ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 108

⁹⁷ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 109

⁹⁸ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 110

⁹⁹ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 110

pouco tempo. E ainda futuras concessões em territórios na Mongólia e na Manchúria. E pediram ainda que fossem nomeados assessores japoneses dentro do próprio governo chinês, dentro das forças armadas e da polícia. O que faria a China estar sob controle do Japão¹⁰⁰. É claro que essas atitudes tiveram impacto internacionalmente fazendo com que as potências internacionais olhassem de forma diferente para a nação japonesa, de forma que em 1924 os Estados Unidos proibem a imigração de japoneses em seu território, gerando uma enorme revolta por parte dos japoneses. Essa foi uma das causas que levaram o Japão a acreditar que nunca seriam considerados racialmente iguais, o que soa muito controverso levando em consideração o tratamento de imigrantes dentro de seu próprio país, a exemplo dos coreanos¹⁰¹.

No ano de 1926 no dia 25 de dezembro, Hiroito se torna imperador após a morte de seu pai. Agora se iniciava uma nova fase o período Showa. E mais do que nunca o Japão começa a trilhar seu caminho imperialista, que já no período Taisho indicava suas intenções. Hiroito foi criado sob a influência de diversas personalidades, homens que o aproximaram de várias ideias, como o militarismo e o nacionalismo. Sua visão de governo era de uma monarquia constitucionalista, a qual ele admirava por conta da monarquia britânica.¹⁰² Porém a constituição não possibilitava tanta abertura para um sistema constitucionalista. Hiroito sendo influenciado por tais ideias estava convencido de sua identidade divina como imperador. Como Kenneth Henshall diz em livro “A history of Japan: From stone age to superpower”: “as an individual Hiroito was aloof and far removed from the public. He was a god in name, and in practice an elitist who knew next to nothing about the lives of his common subjects.” (HENSHALL, 2012. p. 112)¹⁰³

O início do período Showa foi caracterizado por uma grande crise econômica que atingiu brutalmente o setor rural do Japão, isso não favoreceu nenhum pouco a população que residia nas áreas rurais, causando uma grande migração para os centros urbanos.¹⁰⁴ Os centros urbanos possuíam uma qualidade de vida melhor do que a observada no campo, mas é claro que havia pobreza na cidade também. Com as cidades crescendo e se modernizando cada vez mais, muitos viam isso como algo ruim e que descaracterizava o Japão de suas tradições culturais.

¹⁰⁰ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 111

¹⁰¹ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 112

¹⁰² HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 112

¹⁰³ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 112

¹⁰⁴ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 113

The greater disaffection was among the rural communities. This was to work to the advantage of the military, whose forces were heavily drawn from the rural sector and who shared with the rural population a basically conservative and less internationalised outlook on life.

The military, and many members of the public, were increasingly angry about the economic and political developments. There was a widespread belief that big business had too much influence in politics, to the point of corruption.¹⁰⁵

Com esse cenário estabelecido, era só questão de tempo até as forças armadas tomarem atitudes para que seus objetivos fossem cumpridos. E nos primeiros 10 anos do período Showa os militares se envolveram em ações internas e externas que garantissem o controle da nação. Suas ideias antiocidental e antiliberais tiveram, entre os muitos membros da população, uma grande aceitação. Mesmo os membros mais letrados da sociedade japonesa, aceitavam tais ideias radicais e que levaram a um expansionismo militar muito violento por toda Ásia¹⁰⁶. E posteriormente levou o Japão a uma guerra mundial, aliando-se a Alemanha Nazista.

Como vemos no livro *Bushido*, mesmo que exista a exaltação de uma carreira militar. Entretanto, no livro de Nitobe, a condenação sobre os abusos de poder da parte dos samurais, porém serve muito mais como um modelo ideal, visto que na prática o rumo que o Japão tomou foi bem diferente. Em minha interpretação a ideia que o diretor deseja passar com o filme, é de que homens como Ryunosuke eram o produto da era dos samurais, alguém bem diferente daquele que foi pintado pelos ultranacionalistas Showa, que faziam tal idealização. Porém se assemelhavam em prática com as ações do protagonista do filme. Ideais que foram moldados a partir de uma demanda política e muito menos ligada a um padrão de comportamento real, elevando essas ideias para o campo utópico. Em uma sociedade industrial competitiva, o que restou dos samurais foi sua antiga glória e honra. Durante a minha pesquisa, muitos livros sobre Bushido no mundo dos negócios foram encontrados e muitos diziam que os empresários japoneses são samurais em ternos. Isso mostra como a mística em torno da imagem positiva do samurai ainda persiste, tanto por ocidentais quanto pelos próprios japoneses.

Vemos também no filme um protagonista sofrendo por pensamentos em que o vazio existencial o leva a cometer atos de selvageria apenas para preservar e satisfazer a si mesmo e seus desejos. Podemos identificar isso também em uma sociedade na qual o consumo se mostra com um apelo forte para todos. Este é o contexto do crescimento das cidades, do aumento de indústrias, da escolaridade técnica em grande escala, do aumento do consumo e da persistente

¹⁰⁵ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 113

¹⁰⁶ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 116

crítica aos japoneses como copiadores de tecnologias e não criadores das mesmas. O Japão passava por tudo isso durante os anos 60 e é possível dizer que há traços dessa discussão refletida nestas produções culturais. É fácil identificar no comportamento da personagem, um claro individualismo tóxico. O qual conduz Ryunosuke a não pensar nas consequências de suas ações. Seu desejo é agradar a ele mesmo, e mesmo inserido em um grupo, seu único motivo de estar entre tais homens é por conta do dinheiro e da matança que isso o proporciona.

Aqui no filme vemos que pelo menos um dos valores que faziam parte dos ideais nacionalistas, é apoiado pelo filme. O individualismo que fora trazido pelos ocidentais, segundo os teóricos Showa, estava destruindo a sociedade japonesa. Ele, portanto, precisava ser combatido e recuperar um sentido comunitário, que era muito presente nas vilas do interior do país¹⁰⁷. Vejo que no filme há essa dura crítica ao individualismo. Porém o filme tem seu tempo histórico antes da internacionalização do Japão, se passando em 1861 e 1862. Sendo assim a restauração Meiji não havia acontecido, as influências estrangeiras, de maneira geral, ainda eram poucas. Portanto, entendo que o filme atribui ao japonês esse individualismo. O filme não deseja culpar o estrangeiro por corromper a nação, mas sim mostrar que eles mesmos já eram individualistas antes.

Um outro ponto interessante que quero abordar aqui é mais uma faceta do caráter de Ryunosuke no filme. Para isso, usaremos novamente o livro *Bushido* para termos a comparação do que é apresentado no filme com o que se apresentava, tradicionalmente, como valores ideais. A virtude da qual falaremos é a lealdade. É muito comum para o senso comum associar ao povo japonês uma pré-disposição natural a serem mais leais. Transformando-os em pessoas incompreensíveis para aqueles que possuem uma cultura diferente. Porém é evidente que através de trabalhos como o *Bushido*, foi se criando essa imagem fictícia sobre essa lealdade máxima, que levou até mesmo homens a se matarem para que um objetivo em comum fosse alcançado.

Da mesma forma, a Lealdade, conforme nós a concebemos, pode encontrar alguns admiradores em qualquer outra parte, não porque nossa concepção é errada, mas porque ela é, temo eu, esquecida e também porque nós a transportamos a um grau não alcançado em qualquer outro país.¹⁰⁸

Deixando de lado os evidentes questionamentos acerca da veracidade, de como a lealdade era de fato exercida, vamos nos aprofundar no que o autor nos quer dizer quando fala

¹⁰⁷ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 114

¹⁰⁸ NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 62

sobre um grau não alcançado. Ele nos conta uma história conforme a qual um vassalo entrega o próprio filho para morrer no lugar do filho de seu senhor. O vassalo se regozija em saber que seu filho serviu fielmente ao senhor. Ao invés do pai mergulhar em tristeza, ele se alegra em poder ter salvado o filho de seu mestre. O autor nos mostra que servir é entregar tudo de si para que sua obrigação seja cumprida e manter a honra daquele a quem se serve é a verdadeira recompensa. Este grau de lealdade implica negar os interesses pessoais em virtude do dever. Os interesses de uma família são sempre unidos, visando sempre o dever imposto. Por isso, o filho se entrega para servir seu senhor e seu pai se alegra com o fato.

Mas o Bushido sustentou que o interesse da família e de seus membros é intacto – uno e inseparável. Esse interesse é unido com afeição – natural, instintivo, irresistível, por isso, se morrermos por alguém a quem amamos com amor natural (que os próprios animais possuem), o que é isso?¹⁰⁹

No filme, podemos ver que a personagem principal possui um relacionamento conturbado com seu pai, figura de autoridade em relação à qual Ryunosuke deveria ser leal e obediente. Entretanto, na cena que vemos a interação dos dois, o pai de Ryunosuke tenta guiar o filho para um caminho que o levasse à clemência e à compaixão. Porém, Ryunosuke ignora as palavras do pai e no fim busca apenas o benefício próprio, ao contrário de que seu pai lhe instruíra. Percebe-se que o pai possui grande medo de seu filho. A espada de Ryunosuke carrega a crueldade que é transparecida na maneira em que ele luta e seu pai lhe diz isso. É só nesse momento que Ryunosuke esboça uma reação às palavras de seu pai. E mesmo ouvindo palavras tão terríveis de um pai, Ryunosuke esboça um leve e breve sorriso.

É muito comum nos filmes de samurai da década de 1950 que exista uma relação paternal entre os personagens, não necessariamente entre um pai e filho, mas também entre um mestre e um aprendiz ou também entre companheiros de guerra, sendo um mais velho e o outro mais novo. O respeito e a lealdade, geralmente, eram expressados nos filmes através da relação entre esses personagens e, como podemos ver, mais uma vez, o filme subverte esse aspecto e traz a quebra dessa lealdade filial. Como dito anteriormente, o protagonista possui lealdade apenas a ele mesmo. A autoridade, que devia ser respeitada por ele é deixada de lado.

Outro ponto interessante que podemos nos atentar é sobre como o protagonista consegue subverter o esperado de um samurai mais uma vez. Em uma determinada cena do filme, o protagonista, junto de seus aliados, que faziam parte de um grupo conspiratório, planejam uma emboscada para assassinar determinada figura política. A ação é planejada de forma que o

¹⁰⁹ NITOBE, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo, SP: Berkana, 2005. P. 64

homem a ser morto fosse pego de surpresa. Porém, quando o grupo tenta executar o homem que viajava dentro de uma liteira, uma espada sai dali e mata o homem que iria dar o golpe. O homem sai da liteira se revelando e mostrando não ser o homem que deveriam matar. Porém, já era tarde demais e todos decidem, em um acordo não falado, que aquele homem deveria morrer. O grupo de homens enfrenta aquele homem, interpretado por Toshiro Myfunne, que mata os agressores um por um. Ryunosuke, aterrorizado, fica apenas olhando seus companheiros serem dizimados, nem saca sua espada para enfrentá-lo. Ele apenas o observa a distância e foge da batalha depois que todos os seus homens haviam morrido.

Essa cena é belíssima, apesar do conteúdo ser uma matança. É dirigida de forma primorosa, dando destaque a coreografia de luta. Todos os aspectos que ela apresenta ao espectador contribuem para que entendamos o medo do protagonista diante da face de um inimigo mais forte do que ele. Em minha análise, pude ver que a cena nos diz algumas coisas sobre os samurais.

A motivação inicial que a cena nos mostra é de um assassinato, sendo mais de dez homens para poder matar apenas um e de forma sorrateira. Eles que deviam ser honrados guerreiros, que deveriam se enfrentar de forma justa em pé de igualdade, usam de artimanhas desonrosas e sujas para cumprir seus objetivos. Isso ia muito de encontro com o que popularmente é conhecido sobre samurais. Como vemos no livro *Bushido*, os samurais apresentados são introduzidos desde muito cedo aos valores honrados que deveriam seguir. Porém, na cena, vemos homens agindo sem honra nenhuma ao emboscar aquele homem. Podemos entender também que nem todos fossem samurais, mas eles estavam seguindo ordens de pessoas acima deles, no comando desse grupo conspiratório e que provavelmente eram samurais. Em vista disso, podemos concluir que essa cena é feita para que se exponham as falhas e defeitos dessa classe guerreira, mostrando que muita fantasia foi criada ao redor da figura do samurai e que atrocidades podiam ser cometidas por eles.

O outro ponto interessante que a cena nos fornece é sobre as atitudes que o protagonista toma. Ao longo do filme, ele se apresenta como alguém fascinado em lutar e amante das matanças. O que esperamos dele nesta cena é um embate feroz com o mestre espadachim, que dizima seus aliados. Porém, o que vemos, como dito anteriormente, é Ryunosuke paralisado de medo. Em determinado ponto, vemos que ele esboça uma iniciativa de desembainhar sua espada, mas, quando a atenção de *Toranosuke Shimada* (Toshiro Myfunne) é voltada a ele, suas ações são interrompidas e ele volta ao seu estado catatônico. Nesse ponto, minha interpretação sobre Ryunosuke é a de que ele se assemelha a um animal acuado pelo medo de um predador

mais forte. Ele não se move na esperança de atacar seu oponente desprevenido. Assim como um animal, cujo único desejo é sobreviver, ele usa de quaisquer meios para que seu objetivo se cumpra. Um animal não possui honra, nem códigos morais. Apenas uma coisa diferenciaria Ryunosuke de um animal de fato: o seu desejo de matar.

Em filmes e histórias são comuns os heróis e vilões: aqueles que desejam o bem e os que desejam o mau. Seria incorreto dizer que não vimos um personagem como Ryunosuke em outras produções culturais e que ele seria, portanto, inédito. Porém, o que chama atenção nesse filme é a decisão do diretor em nos contar uma história sob a perspectiva do homem mau. O que isso quer dizer? O protagonista na maior parte das vezes é escolhido para que nos identifiquemos com ele, para que possamos reconhecer, em sua figura, aspectos que observamos em nós mesmos. Dessa maneira, a história do protagonista passa a ser importante para nós, pois o público estabelece um elo empático com a personagem. Entendo que, dessa maneira, a decisão de usar o vilão como sendo o principal protagonista da história nos diz algo, diz que podemos fazer parte das atrocidades e das mortes. Há uma espécie de lição moral: nos ensina que é necessário enxergar o que foi feito de errado para podermos condenar essas ações e não as repetir. Em especial, para o público japonês da época em que foi lançado o filme, era necessário reconhecer que o seu “passado nobre” não estava isento de culpas pelas catástrofes recentes.

A trama complexa de fios que são tecidos ao longo do filme é realmente rica. Torna-se ainda mais interessante quando pensamos em seus personagens como encarnando diversos símbolos ao mesmo tempo. Ryunosuke nos mostra o mau que aflige os homens, bem como o samurai no sentido mais particular do termo e o samurai que carrega em si a alma de toda a sociedade japonesa. No fim do filme, nos vemos lançados em uma confusão de sentimentos e ações que passam pela cabeça do personagem principal. Ali, Ryunosuke sai desenfreado em uma matança sem sentido. Atormentado pelos erros de sua vida, ele volta sua espada contra seus próprios companheiros.

Podemos ver que o filme deseja mostrar que os valores que eram fomentados no período pré-guerra, valores esses inspirados em períodos anteriores ao Meiji, eram responsáveis por homens como Ryunosuke. E novamente, durante o período Showa, tais valores foram responsáveis por conduzir ideias e ações terríveis, as quais homens japoneses foram os catalizadores. Não estou falando que o filme faz esse movimento antes de qualquer outra mídia, mas que ele é um importante filme que nos direciona a enxergar dessa maneira. Porém, podemos nos perguntar algumas coisas a respeito disso tudo: o filme apenas brinca com o

estereótipo do samurai e o perverte sem nenhum compromisso com certa verossimilhança histórica? Ou será que essa quebra de estereótipo, na verdade, nos traz mais comparativos históricos do que com a apresentada no livro *Bushido, alma de samurai* escrito por Inazo Nitobe?

Pesquisando mais a fundo sobre o tema me deparei com um artigo que discute e esclarece algumas ideias acerca do livro *Bushido*. O artigo se chama *Death, Honor, and Loyalty: The Bushidō Ideal*, escrito por G. Cameron Hurst III. O artigo tem a preocupação em discutir sobre três valores que cercam a imagem do samurai, que é a morte, honra e a lealdade. O autor faz o movimento de mostrar com dados históricos e relatos reais, como realmente um samurai encarava esses valores. Para isso ele vai mostrar como Inazo Nitobe, em seu livro, traz uma versão do samurai muito distante da realidade que encontramos nos relatos históricos do Japão do período Tokugawa (1600 – 1868) e até mesmo do Japão pré-moderno, ou período Meiji (1868 – 1912).

O autor argumenta que Nitobe apresenta um conjunto de preceitos e valores que ele mesmo não conhecia e nem era familiar deles. Nitobe nasceu em 1862, período que em se passa a trama do filme *Espada da Maldição* e, como podemos observar no filme, nesse período, havia muita turbulência e caos na sociedade. Porém, Nitobe, logo em seus primeiros anos, é levado para outra ilha do Japão Hokkaido, onde ele é instruído na língua inglesa e onde se torna cristão. Depois de alguns anos, ele passa a estudar economia agrícola em inglês ensinada por americanos. Por estar em Hokkaido, que estava se tornando parte real do Japão, ele se manteve afastado em muito da cultura, religião, dos modos de vida e da língua dos homens e mulheres do período Meiji¹¹⁰. Como afirma o autor do artigo: “In the words of one observer, Nitobe was “the most de-orientalized Japanese I have ever met.” Yet at the same time, as one who had consciously embarked on a course of personal “civilization and enlightenment,” Nitobe was a quintessentially Meiji man.”¹¹¹

Nitobe se mostra como sendo um homem distante daquilo que se propõe a falar, ao abordar o tema do Bushido ele mostra uma visão idealizada de um homem fruto dos ideais de seu tempo, porém ele se afasta muito da cultura samurai, pois o mesmo não foi criado com toda carga cultural, intelectual e prática que seus antepassados tiveram. Talvez por ser produto dos esforços japoneses de se modernizarem e de ocidentalizar, é que a obra de Nitobe foi um grande

¹¹⁰ HURST III, G. Cameron. *Death, Honor, and Loyalty: The Bushidō Ideal*. *Philosophy East and West*, Vol. 40, No. 4, *Understanding Japanese Values* (Oct., 1990), pp. 511-527. p. 512

¹¹¹ HURST III, G. Cameron. *Death, Honor, and Loyalty: The Bushidō Ideal*. *Philosophy East and West*, Vol. 40, No. 4, *Understanding Japanese Values* (Oct., 1990), pp. 511-527. p. 512

sucesso internacional e, nas falas do autor do artigo: “Indeed, Nitobe's Bushido: The Soul of Japan became not only an international bestseller, but served as the cornerstone for the construction of an edifice of ultranationalism that led Japan down the path to a war she could not win.” (HURST III, 1990. p. 512)¹¹²

Nitobe teve grande reconhecimento por seus escritos e, segundo o artigo, muitos usam o termo de que ele foi a ponte entre oriente e ocidente. É notável como as ideias de um samurai, ao estilo de Nitobe, se espalhou para o público ocidental como sendo o espelho da realidade. Toda uma mitologia foi construída acerca da figura do samurai com base nos escritos de Nitobe, o qual não deixa de ter seus méritos, mas a falta de embasamentos históricos gera certa desconfiança quando lemos trabalhos que se dedicam mais às precisões históricas. Como dito na citação anterior, a importância de Nitobe não foi somente por se tornar essa ponte, mas pelo seu sucesso também em sua terra natal. O que Nitobe cria vai além das bases para o ultranacionalismo, como se estende ao que o japonês comum, nascido nas primeiras décadas do século XX, vai entender por samurai. A classe dos antigos e nobres guerreiros já não existia. Quando um filme decide fazer o exercício de subverter o estereótipo, ideologicamente construído desde a era Meiji, abrem-se as portas para os historiadores se atentarem a essa subversão e ir olhar o que outras fontes tem a nos dizer sobre tal classe de guerreiros. De acordo com Hurst:

One need not dwell extensively on the problems this background created for Nitobe's writings on Japan. To put it bluntly, he had a very shallow understanding of Japanese history and literature, as the numerous errors in his Japanese and English writings demonstrate, and indeed as he himself admitted to Japanese-but not to foreign-audiences.¹¹³

Essas perguntas exigem uma pesquisa mais extensa e minuciosa. Talvez eu não a possa oferecer neste trabalho. Mas tentarei mostrar alguns pontos interessantes que podem abrir a perspectiva que temos sobre tais guerreiros, porém, receio que não poderei responder todas as lacunas que ficam em evidencia quando nos atentamos a esse novo olhar. Brevemente, quero poder confrontar Nitobe com outras fontes, inclusive, continuar o confronto com o artigo *Death, Honor, and Loyalty: The Bushidō Ideal*.

Primeiro, gostaria de discutir a questão da lealdade e da coragem quase sobre-humanas, que atribuímos aos samurais. Como é dito no artigo, muitos de nós, que possuímos uma visão

¹¹² HURST III, G. Cameron. *Death, Honor, and Loyalty: The Bushidō Ideal*. *Philosophy East and West*, Vol. 40, No. 4, *Understanding Japanese Values* (Oct., 1990), pp. 511-527. p. 512

¹¹³ HURST III, G. Cameron. *Death, Honor, and Loyalty: The Bushidō Ideal*. *Philosophy East and West*, Vol. 40, No. 4, *Understanding Japanese Values* (Oct., 1990), pp. 511-527. p. 512

distante baseada nas produções culturais sobre os guerreiros, acreditamos que essa lealdade inabalável venha inata dos japoneses. Algo que se nasce comeles e que os tornaria diferentes do resto da humanidade. E o que sempre nos chama atenção é a devoção leal e restrita do samurai a seu mestre, a ponto de acompanhar seu superior até mesmo na morte, quando ele morre. Não havendo possibilidade de servir a outro mestre, o samurai dedica sua vida completamente a ele, pondo seus anseios e desejos a serviço de seu Daimiô. Não é que esses conceitos e valores, que são endossados no livro de Nitobe, não pudessem existir. Porém, se nos atentarmos a história, podemos nos surpreender um pouco com os casos concretos que fogem deste ideal prescrito na literatura do *Bushido*.

A virtude da lealdade era de fato muito valorizada e estimada, pois a lealdade, de certa forma, legitima o governante e o governo atribuído ao país. Sendo assim, a lealdade era algo a ser estimulado e criado nas mentes dos cidadãos e dos nobres. Quando lemos o *Bushido*, temos a impressão que esse código moral era de certa forma comum a todos e constituía-se de forma uniforme e escrito, algo a que se podia ter acesso como se fosse uma série de leis e códigos a serem memorizados e seguidos à risca, como os dez mandamentos¹¹⁴. Na era Meiji, a lealdade encorajada tratava-se de uma lealdade muito mais com o estado do que, de fato, uma pessoa em si. Pois anteriormente a era Meiji, havia a diferença entre o poder simbólico e de fato um poder real. A lealdade ao imperador era algo intrínseco, mas a lealdade que mais se necessitava exercer, era para com o Xogum ou para com seu Daimiô, pois eram eles que de fato controlavam os exércitos, as terras e as riquezas. Sendo assim, uma maior lealdade era para com uma pessoa em específico, pois agora com um estado moderno a lealdade passa a ser para com a organização estatal. E, como o artigo nos mostra, casos de deslealdade eram bem mais comuns do que demonstração de lealdade:

It would not be an exaggeration to say that most crucial battles in medieval Japan were decided by the defection—that is, the disloyalty—of one or more of the major vassals of the losing general. In other words, Takauji, twice disloyal for having first turned against his feudal lord and then his sovereign, was far closer to the prototype of the medieval Japanese warrior than was Masashige. Ironically, this behavior explains the great lengths to which moralists in premodern and modern times have gone to praise Masashige and vilify Takauji¹¹⁵

Muito do que se era escrito sobre a lealdade, de fato, pode ser confundido por nós se não tivermos um olhar crítico a respeito. Pois, como é dito no artigo, se trata muito de escritos

¹¹⁴ HURST III, G. Cameron. Death, Honor, and Loyalty: The Bushidô Ideal. *Philosophy East and West*, Vol. 40, No. 4, Understanding Japanese Values (Oct., 1990), pp. 511-527. p. 513

¹¹⁵ HURST III, G. Cameron. Death, Honor, and Loyalty: The Bushidô Ideal. *Philosophy East and West*, Vol. 40, No. 4, Understanding Japanese Values (Oct., 1990), pp. 511-527. p. 517

que se manifestavam a respeito do que deveria ser e não do que realmente era o comportamento do samurai.

A lealdade geralmente é demonstrada em atos e, quando falamos de samurais, atos de violência, vingança e de auto sacrifício logo nos vem à cabeça. Fugir do inimigo não era uma opção válida para os guerreiros honrados. Porém, como vimos anteriormente, deserção era uma prática comum dos grandes lordes samurais e de seus soldados. Podemos ver que fugir dos inimigos era algo que se esperava dos samurais, através de uma peça que compunha a armadura de guerra. Nela, uma capa cumprida era usada, para que, quando em grande velocidade, montado em seu cavalo, o samurai possuísse certa defesa contra as flechas que tentariam o atingir pelas costas. Estudos foram feitos a partir desse relato e foi comprovado que a capa poderia defletir as flechas¹¹⁶. O samurai, estando de costas, nos mostra, mais uma vez, que nem sempre o valente guerreiro estava disposto a dar sua vida no campo de batalha, lutando por seu senhor. Outra vez, caímos no caso de interpretar algo que era o ideal como realidade empírica e não como um preceito literariamente construído. Não que tais valores idealizados nunca pudessem ser encontrados na prática, pois existem alguns casos históricos de devoção que inspiraram o povo japonês por muito tempo, como é o caso dos quarenta e sete Ronins. Porém, ressalte-se que acontecimentos como esse são mais raros do que o comum, além de, provavelmente, terem sido também idealizados na memória.

Acho importante mostrar essa visão sobre o samurai e sobre o que se entende dele, mesmo que brevemente. Nos são lançadas várias perguntas sobre até que ponto as imagens desses famosos guerreiros foram modificadas ao longo do tempo. São perguntas que espero, no futuro, responder. Mesmo trazendo esses elementos que contrapostos nos fazem duvidar e querer saber qual é o “verdadeiro”, não creio que devemos encarar de maneira tão rasa a questão a respeito da imagem que o samurai possui. Entender que a cultura não é estática é importante para que possamos encarar essas modificações como um processo. Porém, sempre devemos atentar para o que historicamente mais provável.

Voltando ao filme, é possível ver que há mais de um entendimento por trás dele. Da interpretação mais superficial podemos seguir para discussões mais profundas. Podemos fazer paralelos com o desenvolvimento e rumo que a sociedade japonesa tomava, tanto no período que o filme se propõe em retratar, quanto naquele em que se dá a produção do filme.

¹¹⁶ HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012. p. 42

Como início dos anos de 1860, cem anos depois o Japão passava por mudanças em suas estruturas sociais, econômicas e políticas. O período Meiji, como explicado anteriormente, é um divisor de águas na história do Japão. É claro que digo isso de forma representativa, pois sabemos que rupturas abruptas dentro da história é algo muito questionável. Mesmo assim, foi um período de importantes de mudanças.

Na década de 1960, podemos identificar também mudanças no Japão. Na década anterior, havia se encerrado a ocupação de seu território por parte dos EUA. A influência do país estrangeiro havia diminuído consideravelmente. Mesmo assim, os japoneses não estavam totalmente livres, porém, o controle estava nas mãos do novo governo japonês. A economia do país decolava por parte de sua tecnologia barata e de qualidade, que era vendida no mundo inteiro. O Japão queria aparecer para o mundo de forma diferente do que fizera, durante a segunda guerra. Nas olimpíadas de Tóquio, em 1964, o Japão fazia sua “estreia” mundial. Por mais paradoxal que pareça, o Japão só obteve esse sucesso econômico, pois foi colocado em uma posição de país derrotado, logo após a Segunda Guerra. A nação era proibida de possuir exército, com isso o dinheiro que era investido em armamentos e na manutenção de exércitos passou para outras áreas da sociedade, como a formação escolar e técnica, além dos investimentos na indústria de base.

Há um esforço muito grande por parte das autoridades japonesas em elevar a sociedade à um status de país desenvolvido, tomando como molde justamente os parâmetros econômicos das grandes potências, como os EUA. Apesar desse sucesso, os japoneses produziam filmes que olhavam para si próprios e representavam a autoimagem de assassinos cruéis, corrompidos por seu próprio poder. Por que isso ocorria? Tudo deveria estar bem, seu país arrasado pelas armas de destruição em massa, mais perigosas da época e em menos de vinte anos estavam fortes novamente. Podemos intuir que nada estava perfeito, continuavam existindo problemas antigos e surgiam outros novos problemas na sociedade aquela sociedade mudava drasticamente e, com as mudanças, os valores tradicionais tiveram que ser revisitados a partir de novas inquietações.

A personagem do filme distorce o *Bushido* de forma que o filme pode mostrar os lados negativos da “alma samurai” do povo japonês, desenganando-o quanto à sua suposta essência nobre e incorruptível. O símbolo do *Bushido* de Inazo Nitobe é o samurai que detêm a alma do próprio Japão. O filme demonstra a artificialidade desta excelência ética atribuída ao povo japonês, nos apresentando a alma corrompida de um samurai, e consequentemente, a alma corruptível do Japão. Muitas vezes tratado como uma verdade absoluta por nós ocidentais,

usando-o como parâmetro para criação de estereótipos e clichês no cinema, o *Bushido* não pode ser tomado como realidade empírica. O filme em questão quer nos mostrar que esses moldes, são apenas projeções utópicas de uma perfeita conduta de sua sociedade. Na prática, esse “código” samurai levou o país a cometer atrocidades contra a Ásia, a qual no início do século XX era objetivo do Japão conquistar e governar.

Talvez o filme passe a preocupação do diretor com relação a isso. A grandeza do Japão poderia o levar ao um caminho que traria mais dor e sofrimento ao mundo. Eventualmente, como na cena final do filme, à sua própria destruição. Trazer esses questionamentos foi muito importante para que o país, agora reerguido, pudesse se afastar das bases do ultranacionalismo, o qual foi responsável por uma conduta agressiva, expansionista e autodestrutiva. O país já havia rompido com a ideia de linhagem divina e o filme reforça a noção de humanização da figura do samurai, o qual sempre esteve muito próximo do imperador. E a forma de humanizar a figura do samurai é justamente evidenciar a maldade humana, a qual nem mesmo esses nobres guerreiros não podiam escapar.

CONCLUSÃO

Mesmo com o enorme recorte temporal, que compreende desde a formação da classe samurai até o ano de 1966, fica claro no trabalho que a imagem do samurai passa por diferentes fases de transformações, desde sua consolidação até a sua extinção. Imagem que vai ser importante para uma criação de uma identidade japonesa, que pode ser interpretada por vezes de forma negativa, por conta dos acontecimentos da segunda guerra e mesmo durante a fase expansionista japonesa. Porém, creio que podemos entender a imagem do samurai como um fator positivo e edificante para a construção de uma identidade japonesa moderna.

O filme “Espada da Maldição” nos apresenta um samurai bem diferente daquele que vemos no livro de Inazo Nitobe. Um homem que devia ser honrado, leal a seu senhor, que no caso era seu pai, e trabalhar em prol dos interesses dele o abandona. Vive uma vida repleta de violência e um total desrespeito para com a tradição, apresentada no livro Bushido. O filme apresenta um protagonista que transgrede todos esses parâmetros estabelecidos como sendo a representação ideal do samurai e até mesmo do japonês. Quer comunicar que esse velho conceito foi as bases para o surgimento de uma ideologia nociva, que causou tanta dor para o Japão, como para aqueles que foram feridos por ele. Acreditar na ancestralidade divina, acreditar na superioridade da raça japonesa, é acreditar que foram justas as atrocidades cometidas pelo governo japonês, no início do século XX, até a sua derrota na segunda guerra mundial.

O filme, quando comparamos com a história, aproxima-se bem mais de um samurai realista ou até mesmo “hiper-realista”, antítese de qualquer idealização romântica. Vemos que o samurai que Nitobe nos apresenta possui elementos que vemos historicamente, porém, ele ultrapassa por vezes o que podemos comprovar. Ele faz um trabalho de romantização desse “cavaleiro”, da sua vida e de suas virtudes, pareando-o com referências à cavalaria medieval, reinventada no ocidente pelas tintas do movimento romântico. Ele atribui esta representação do samurai como sendo característica do povo japonês como um todo. Ao colocar o subtítulo de *soul of Japan* em sua obra, ele advoga os motivos do povo japonês ser merecedor de triunfo, uma nação diferente das outras, que se põe como livre dos males do ocidente, e por conta disso cabia ao Japão conduzir a Ásia inteira a seu futuro grandioso.

Por isso é que vemos, em *Espada da Maldição*, o diretor atribuindo tantos defeitos a um samurai. É como se ele dissesse através disso que os japoneses não eram diferentes do resto do

mundo e que a sua suposta superioridade não passava de arrogância de vencedor. O maior símbolo de virtude de sua história, os samurais, aqueles que, para Nitobe, formaram a alma do Japão, estavam corrompidos. Suas almas estavam corrompidas. No filme, quando se diz que a espada corrompida reflete a alma corrompida, é justamente um alerta para os japoneses. Alerta esse que deseja evidenciar todo mal que a “espada” do Japão causou na Ásia. Por isso, é fundamental pensar em como a representação do samurai se torna tão importante. Os guerreiros se tornaram símbolo de uma nação, ultrapassando as barreiras de sua classe social, inspirando ideologias e valores, que se tornaram perigosos com o passar do tempo. Acredito que o trabalho pode oferecer visões menos ingênuas respeito do samurai. Dessa forma, pode gerar mais discussões mais críticas quanto à figura do samurai, que, na contemporaneidade, mostra-se muito presente na mídia *mainstream*.

REFERÊNCIAS

Fontes

Espada da maldição. Direção: Kihachi Okamoto. Produção: Sanezumi Fujimoto, Konparu Nanri, Masayuki Satô. Japão: Tokyo FILMeX, 1966.

NITOBÉ, Inazo. Bushido: Alma de Samurai. São Paulo, SP: Berkana, 2005.

BIBLIOGRAFIA

BENEDICT, Ruth. O Crisântemo e a Espada. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988. 273 p.

CRAIG, Albert. The Restoration Movement in Choshu. The Journal of Asian Studies. Vol. 18, No. 2 (Feb., 1959), pp. 187-197. Association for Asian Studies.

FUKUCHI, Isamu. Kokoro and 'the Spirit of Meiji'. Tokyo. Monumenta Nipponica, Vol. 48, No. 4 (Winter, 1993), pp. 469-488. Sophia University.

HENSHALL, Kenneth. A history of Japan: From stoneage to superpower. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012.

HOWLAND, Douglas R. Samurai Status, Class, and Bureaucracy: A Historiographical Essay. Chicago. The Journal of Asian Studies, Vol. 60, No. 2 (May, 2001), pp. 353-380. Association for Asian Studies.

HURST III, G. Cameron. Death, Honor, and Loyalty: The Bushidō Ideal. Philosophy East and West, Vol. 40, No. 4, Understanding Japanese Values (Oct., 1990), pp. 511-527.

KELLEY, Allen C; WILLIAMSON, Jeffrey G. The Journal of Economic History, Vol. 31, No. 4 (Dec., 1971), pp. 729-776. Londres. Cambridge University Press on behalf of the Economic History Association.

LACKNEY, Lisa. From nostalgia to cruelty: Changing stories of love, violence, and masculinity in postwar japanese Samurai films. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em história) - University of Akron, Akron, 2010.

MASATOSHI, Sakeda; AKITA, George. The Samurai Disestablished. Abei Iwane and His Stipend, Monumenta Nipponica, Tokyo, Vol. 41, No. 3 (Autumn, 1986), pp. 299-330. Sophia University.

O'BRIEN, Geoffrey. **The Sword of Doom: Caligraphy in Blood**. 2015. Disponível em: <https://www.criterion.com/current/posts/358-the-sword-of-doom-calligraphy-in-blood>. Acesso em: 07/02/2019.

PITTAU, Joseph. Inoue Kowashi, 1843-1895. And the Formation of Modern Japan. Tokyo. Monumenta Nipponica, Vol. 20, No. 3/4 (1965), pp. 253-282. Sophia University.

SAKURAI, Célia. Os Japoneses. São Paulo, SP: Contexto, 2007.

SILVERBERG, Miriam. Constructing a New Cultural History of Prewar Japan. Durham. boundary 2, Vol. 18, No. 3, Japan in the World (Autumn, 1991), pp. 61-89. Duke University Press.

TARGINO, José Carlos; ELOI, Ana Cláudia; TARGINO, Camila; PACHECO, Roberto. Ozu, Mizoguchi, Kurosawa: o cinema japonês nos anos cinquenta. G. & Tróp., Recife, v.23, n.2, p. 259-274, jul./dez., 1995.

VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza; ALENCAR, Jorge Couto de. Chanbara: História e honra no cinema de samurai japonês. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 157 - 174, novembro, 2016.